



Universidade Federal de Pelotas
Instituto de Ciências Humanas
Curso de Bacharelado em Museologia

A lente da memória:

**Releitura do acervo fotográfico da Fototeca Municipal Ricardo
Giovannini nas décadas de 1930 até 1950.**

Vanessa Barrozo Teixeira

Pelotas

2010

VANESSA BARROZO TEIXEIRA

**A lente da memória:
Releitura do acervo fotográfico da Fototeca Municipal Ricardo
Giovannini nas décadas de 1930 até 1950.**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientador: Prof. Ms. Diego Lemos Ribeiro.

Pelotas
2010

Banca examinadora:

Prof^a Dra. Mari Lucie Loreto

Prof^{or} Ms. Diego Lemos Ribeiro

Agradecimentos

Neste curto espaço, gostaria de lembrar e agradecer todos aquele que, de alguma forma contribuíram para que este trabalho monográfico fosse possível. Perante todos os percalços e alegrias encontrados ao longo desses quatro anos de curso, pude perceber como amadureci, tanto como pessoa, como quanto profissional. Tenho muito orgulho de fazer parte deste marco na história do Curso de Bacharelado em Museologia, e, ao mesmo tempo, de poder fazer parte desta gama de profissionais, que optaram por esta profissão tão encantadora.

Preciso ressaltar que não foram poucos os que contribuíram para meu crescimento ao longo desta caminhada. Primeiramente, gostaria de agradecer ao meu querido orientador, Prof. Diego, pessoa muito especial que desde o momento em que iniciou a docência no curso, conquistou não só meu carinho e admiração, como de todos os demais alunos. Agradeço muito as horas que gastastes lendo e relendo meus rascunhos e rabiscos. Agradeço pelas orientações e idéias que somente um Cientista da Informação poderiam me fornecer. E acima de tudo, pelo respeito, carinho e dedicação que foram fundamentais nos minutos de incerteza.

Preciso agradecer à querida Prof.^a Maria Letícia, responsável pela minha acolhida no curso e pela minha primeira experiência de pesquisa científica. Profissional que me ensinou a encarar o meio acadêmico com outros olhos e a sempre acreditar no meu potencial. Obrigada pela experiência única, lembrarei sempre com muito carinho. Também preciso reconhecer os demais professores que fazem parte do corpo docente do curso e que me ajudaram a trilhar este caminho e que hoje tenho muito orgulho de fazer parte. A todos vocês, meu muito obrigada.

Não posso esquecer de agradecer à Especialista em Conservação de Artefatos Marisa Beal, pela sempre gentil ajuda e disponibilidade na coleta de dados e no desenvolvimento da pesquisa. Admiro teu trabalho e admiro muito o que fizestes e fazes pela memória rio-grandina.

Agradeço as minhas amigas fofas e em especial aos meus colegas Rafael Zitzke e Giovana Marcon, pela paciência e confiança que sempre depositaram em mim. Museólogos e amigos para a vida inteira!

Agradeço a uma pessoa que possui uma força e uma energia positiva incomum e que sempre está disposta a ajudar a todos e que não poderia deixar de citá-la: Angelita Martiarena, minha querida amiga e braço direito dentro da universidade. Obrigada por tudo e obrigada por tanto carinho!

Agradeço aos incansáveis José Marcos e Magali Aquino por todos os momentos de alegria que dividiram comigo, pelo carinho de filha que recebi e pela confiança em mim

depositada. Vejo em vocês grandes exemplos de vida. Não poderia esquecer do meu fiel Bruno Aquino, que sempre esteve ao meu lado, dividindo tristezas e alegrias, sendo sempre meu braço direito e meu ombro amigo. Obrigada do fundo do meu coração.

Agradeço em especial as pessoas responsáveis pela minha criação e educação, meus pais Benedito Plácido Martins Teixeira e Vera Salete Barrozo Teixeira, sem esquecer da minha amada irmã, Fabiane Teixeira Rodrigues. Muito obrigada pela paciência e amor, sem vocês eu nada seria.

“Uma foto é sempre uma imagem mental. Ou, em outras palavras, nossa memória só é feita de fotografias.”

Phillippe Dubois

Resumo

TEIXEIRA, Vanessa Barrozo. **A lente da memória:** Releitura do acervo fotográfico da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini nas décadas de 1930 a 1950. 2010. 74f. Monografia – Curso de Bacharelado em Museologia. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Essa monografia busca analisar o processo de musealização que sofrem as fotografias doadas para a Fototeca Municipal Ricardo Giovannini e como, através deste processo, estas imagens transformam-se em documentos/fontes de informação. Foram consideradas para este trabalho cinco imagens dentro do recorte temporal delimitado, década de 1930 a 1950, período áureo da cidade do Rio Grande. Através de um levantamento documental da instituição e do desenvolvimento de suas ações museológicas, pretendeu-se enfatizar a consolidação da Fototeca Municipal como um espaço museal.

Abstract

TEIXEIRA, Vanessa Barrozo. **A lente da memória:** Releitura do acervo fotográfico da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini nas décadas de 1930 a 1950. 2010. 74f. Monografia – Curso de Bacharelado em Museologia. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

This monograph tries to analyze the process of musealization that the photographs donated to the Fototeca Municipal Ricardo Giovannini go through and, how during this process, these images become documents/information sources. The given selection of five images follows a certain delimited historical scope that was considered for this work, the decades of 1930 the 1950, the golden period of the city of the Rio Grande. Through a documentary survey of the institution and the development of its museological action, it was intended to emphasize the consolidation of the Fototeca Municipal as a museal space.

Lista de figuras

Figura 1- Centro Municipal de Cultura Inah Emil Martensen.....	17
Figura 2- Arquivo deslizante da Reserva Técnica da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini.....	19
Figura 3 - Projeto intitulado “Educação Patrimonial” realizado em parceria com o Centro Municipal de Cultura Inah Emil Martensen, realizado com alunos da 3ª série do ensino fundamental da Escola Ana Neri.....	20
Figura 4 - Exposição Brinquedos de Estimação realizada em outubro de 2007 na galeria da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini.....	20
Figura 5 - Chá com os idosos, encontro realizado no auditório do Centro Municipal de Cultura Inah Emil Martensen.....	22
Figura 6- Abrigo dos bondes, localizado próximo à Praça Tamandaré - Década de 1950 - Imagem gentilmente cedida pela Fototeca Municipal Ricardo Giovannini (NR 8960).....	28
Figura 7 - Vista aérea da Praça Xavier Ferreira, localizada na Rua Marechal Floriano, Centro da cidade do Rio Grande - Década de 1950 – Imagem gentilmente cedida pela Fototeca Municipal Ricardo Giovannini.....	29
Figura 8 - Fábrica Rheingantz S.A, saída dos operários – Entre década de 1930 a 1940 - Imagem gentilmente cedida pela Fototeca Municipal Ricardo Giovannini.....	31
Figura 9- Casa de Comércio Bromberg, localizada na Rua Marechal Floriano Peixoto (antiga Rua da Praia), Centro da cidade do Rio Grande - Aproximadamente da década de 1930 - Imagem gentilmente cedida pela Fototeca Municipal Ricardo Giovannini.....	32
Figura 10 - Cine-Teatro Carlos Gomes, localizado na Rua General Bacelar (antiga Rua Direita) no centro da cidade do Rio Grande - Década de 1940 - Acervo da Fototeca Municipal Ri-	

Sumário

1.Introdução.....	12
2. Fototeca como um espaço museal.....	16
2.1 A instituição e seu acervo.....	16
2.2. O processo documental da fotografia.....	23
3. A vida que perpassa a imagem: a trajetória de cinco fotografias.....	27
3.1.Os caminhos percorridos por cada fotografia.....	27
3.2.O processo de musealização.....	35
3.3.A humanização do processo.....	43
3.4. Expografia: um dos principais contatos comunicacionais do acervo com o público.....	45
4.Considerações finais.....	52
Referências Bibliográficas.....	54
Apêndices.....	58
Anexos.....	64

1.Introdução

Este trabalho monográfico foi desenvolvido com o intuito de possibilitar uma nova abordagem museológica através dos acervos fotográficos. Trata-se, justamente, da releitura do acervo fotográfico da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini localizada no Centro Municipal de Cultura Inah Emil Martensen na cidade de Rio Grande/ RS, com ênfase nas décadas de 1930 até 1950.

O acervo é proveniente de várias instituições: Escola de Belas Artes Heitor de Lemos, Museu Histórico da Cidade do Rio Grande, Centro Municipal de Cultura Inah Emil Martensen, Gabinete de Imprensa, Arquivo Geral da Prefeitura, Núcleo de Documentação da Cultura Afro-Brasileira –ATABAQUE –ICHI – FURG, Concurso Fotográfico de Olho Em Rio Grande Edições 1992-1994 -1996 e Concurso Fotográfico Matteo Tonietti Edições 1998, além das doações que são realizadas pela comunidade, que busca este local como forma de perpetuação da história da cidade e ao mesmo tempo da sua história pessoal. O acervo é composto por fotografias do século XIX, XX, e XXI. Entre os processos fotográficos encontramos ferrótipos, ambrótipos, albúmens, negativos de vidro, negativos flexíveis e imagens em gelatinas.¹

Através do estudo deste acervo específico será possível mostrar como estas fotografias, de origens e coleções diferentes, tornaram-se fontes históricas e documentais a partir do momento em que passam a fazer parte desta instituição museológica e a constituir este acervo fotográfico. As Fototecas, conforme o Sistema Nacional de Fototecas do México (SINAFO), não possuem uma data específica de formação, como instituição de pesquisa não desenvolvem, em um primeiro momento, métodos expográficos e educacionais, tão importantes quando falamos em Instituições Museológicas. São criadas sob o pensamento de guardar, organizar e conservar o acervo iconográfico, porém, carregam consigo memórias, tão importantes e presentes quando falamos em fotografia.²

Possuindo certa experiência profissional dentro da instituição, ao longo de seis

¹ De acordo com Manini (MANINI, 2008, p.17, 18, 19) os principais processos fotográficos históricos possuem uma estrutura básica que pode ser definida como o uso de um ligante (gelatina, por exemplo); uma substância formadora da imagem (que, junto com o ligante forma a emulsão) e o suporte que este material fotográfico possui. Como exemplos destes processos encontram-se o ferrótipo (1856) que possui uma predominância do preto e possui o metal como suporte; o ambrótipo (1852) ou positivo de colódio, possui o colódio como ligante, a prata como substância formadora da imagem e o vidro como suporte; o nitrato de celulose apresenta-se diluído. Já o albúmen era obtido através da clara do ovo, muito encontrado em formato *carte-de-visite*, tinha como suporte o papel. As bases plásticas ou flexíveis existem desde 1878, a partir da descoberta do nitrato de celulose. Atualmente (processo tradicional ainda em voga, mas dando espaço cada vez mais depressa para a fotografia digital) o ligante mais utilizado é a gelatina e o papel como suporte.

²Sistema Nacional de Fotografias do México (SINAFO)

meses de estágio, para a disciplina denominada Prática em Museus I, durante o primeiro semestre de 2008, pode-se obter contato direto com o acervo, sua política de aquisição, sua pesquisa, dentre muitas outras atividades as quais serão relevantes para o desenvolvimento da referente pesquisa. Dessa forma adquiriu-se interesse pelo trabalho desenvolvido, devido a sua ligação direta com a comunidade e os benefícios como lugar de resguardo da memória da cidade e dos habitantes.

No que diz respeito a essas ações museológicas, a Fototeca desenvolve algumas atividades, como é o caso das ações educativas e das exposições de curta duração. Além de implementar um trabalho denominado “Chá com os idosos”, voltado aos principais grupos sociais de doadores da instituição, que auxiliam na pesquisa histórica de certas fotografias bem como da reflexão dos trabalhos que são desenvolvidos pela coordenação, como a concepção de exposições e a complementação da documentação museológica já existente. Esse grupo de pessoas é parte fundamental da instituição, são os responsáveis por dar “voz” ao acervo, por traduzir momentos que ficaram gravados na vida e na história dos rio-grandinos. Trazem consigo uma bagagem histórica única, que com o auxílio das imagens revelam outras memórias da cidade, que perpassam as fotografias. Por isso, tornou-se tão necessária a constituição de um Banco de Memória, voltado para o trabalho de História Oral dedicado a esses grupos sociais que carregam consigo as diversas trajetórias da cidade do Rio Grande.

Para que certas doações pudessem fazer parte do acervo documental e assim transformar-se em objetos de pesquisa, foi necessário um amplo trabalho realizado com esses idosos, envolvidos de alguma forma com o acervo. A partir deste projeto de pesquisa, que procura através do uso da História Oral resgatar a memória e a história da cidade, foram realizados encontros em grupo, que ocasionaram entrevistas, as quais analisadas individualmente, atribuem inúmeros valores e ressignificações ao acervo fotográfico, que o caracterizam como documento/fonte histórica. A constituição deste corpus documental poderá servir como suporte para pesquisadores, bem como dar suporte para o preenchimento de lacunas no banco de dados da Fototeca Municipal. Por isso a importância do acervo estar bem documentado, bem instrumentalizado para poder assim entrar em contato com a sociedade e servir como ferramenta informacional, através das atividades de pesquisa e das atividades expográficas.

Esta pesquisa busca traçar um paralelo entre o ato de doar as fotografias, analisando o ato e suas razões propriamente ditas, e a sua transformação em documento, etapa que está intrinsecamente associada ao processo de musealização e de comunicação dentro de um

espaço museológico, como é o caso da Fototeca.

[...] Quando um grupo trabalha intensamente em conjunto, há uma tendência de criar sistemas coerentes de narração e de interpretação dos fatos, verdadeiros “universos de discurso”, “universos de significado”, que dão ao material de base uma forma histórica própria, uma versão *consagrada* dos acontecimentos, ponto de vista do grupo constrói e procura a sua imagem para a história (BOSI, 1998, p.66-67).

A partir desse trabalho é possível auxiliar muitos profissionais que procuram a instituição com o intuito de utilizar o acervo como fonte documental, sendo para dissertações, teses ou até mesmo produções literárias. O que gera um produto informacional, o acervo acaba fazendo parte de objetivos subjacentes, ao tornar-se uma fonte de pesquisa.

Tratando-se de uma pesquisa social, esse trabalho utilizará os critérios metodológicos de uma análise qualitativa. Segundo Minayo (MINAYO, 1994, p.22), a abordagem qualitativa “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”.

Com base nesses pressupostos, optei por utilizar como referencial o método hipotético-dedutivo de Karl Popper, que lida com a busca por teorias explicativas, entendendo o conhecimento como um saber por conjecturas (hipotético).³ Conforme Popper, a teoria almeja “entender o problema, correlacionar com as teorias já existentes e tentar formular nosso próprio caminho” (THUMS, 2003, p. 42).

Após definido o método, é preciso correlacioná-lo com outros autores e outras teorias que são fundamentais para a compreensão do problema em questão, que é definir qual meio ou processo permitiu que estas fotografias doadas à instituição pudessem ser consideradas documento/ fonte histórica. Para tal feito, no primeiro capítulo será necessário dialogar com autores que dissertam sobre os campos da memória como Ecléa Bosi, da fotografia como Boris Kossoy, Mirian Manini e Philippe Dubois, das ressignificações e dos valores atribuídos pelos indivíduos dentro da área das Ciências Sociais como Clifford Geertz e Rosane de Andrade, da área museológica referentes ao ato de doação, o processo de musealização e de comunicação museológica como Marília Xavier Cury, Mário Chagas e Maria Cristina Bruno, bem como da definição de documento e suas possíveis atribuições como Claire Guinchat, Michel Menou e Ulpiano Bezerra de Meneses.

No segundo capítulo será feita a análise de cinco fotografias dentro do recorte

³ THUMS, 2003, p. 41.

temporal de 1930 até 1950⁴, juntamente com a equipe responsável pela pesquisa histórica e iconográfica que vem sendo desenvolvida pela Fototeca, bem como a comparação e a discussão das teorias estudadas, para que seja possível enquadrá-las dentro da construção da fotografia como documento, reconhecer todo o processo de musealização o qual ocorre desde o momento da doação até o ato expográfico, como se constituiu o projeto do Banco de Memória Oral e como esta transformação auxilia no trabalho desenvolvido pela instituição para com o seu público.

⁴Conforme Paulitsch (PAULITSCH, 2008, p. 50) Rio Grande foi considerada uma das cidades mais industrializadas do Rio Grande do Sul, tendo início nas últimas décadas do século XIX, momento histórico que coincide com os investimentos no Porto e na Barra, e passando por um período de modernização industrial (1920-1950) com a fundação de diversas indústrias e lojas de comércio como a Pontes Ayres & CIA, fundada em 1938 que trabalhava com a industrialização de pescados, fruta, legumes e crustáceos; Frigorífico Swift do Brasil S/A que teve importante papel na vida econômica do município de 1917 até fins de 1950; Companhia de Petróleo Ipiranga S/A fundada em 1937; Segundo relatórios encontrados em Pimentel (PIMENTEL, 1944, p. 123) ainda existiam mais indústrias sendo instaladas neste período e um grande desenvolvimento social e recreativo na cidade. Exemplos desta época estão na instalação da Bromberg Sociedade Anônima importadora comercial e técnica que fundou sua sede em Rio Grande no ano de 1933, trabalhando com atacado e varejo de máquinas, ferros, óleos, tintas entre outros produtos comerciais. Além das diversas sociedades, clubes de recreação e teatros em intenso vigor, como é o caso do Clube Comercial, Clube Caixeral, Centro Português, Clube Saca-Rolhas, Esporte Clube Rio Grandense, Esporte Clube Brasil, Esporte Clube São Paulo, Esporte Clube União Fabril, Teatro Sete de Setembro, Teatro Carlos Gomes, Cine Teatro Avenida, Cine Teatro Politeama, Cine Teatro Guarani.

2.Fototeca como um espaço museal

Neste capítulo será discutido e analisado o contexto histórico da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini, situada na cidade do Rio Grande, como surgiu e como vêm desenvolvendo seu trabalho ao longo dos anos. Logo após, será realizada uma breve análise dos trabalhos museológicos que são desenvolvidos pela instituição, algo que será mais aprofundado no segundo capítulo, no contexto referente ao processo de musealização. Bem como sua caracterização como um museu propriamente dito. Também serão abordados conceitos sobre fotografia, através de seu breve histórico e de todas as mudanças culturais que desencadeou, além do seu reconhecimento como fonte documental, os preconceitos enfrentados e como conseguiu ser vista como tal.

2.1. A instituição e seu acervo:

A Fototeca Municipal da Cidade de Rio Grande foi criada sob o Decreto nº 6.985, de 1º de Julho de 1997 e de acordo com o Decreto de nº. 10.306, de 15 de junho de 2009, foi denominada como Fototeca Municipal Ricardo Giovannini, mantida sob tutela pela Prefeitura Municipal do Rio Grande através da Secretaria Municipal de Educação e Cultura e Unidade de Cultura.

O nome para a instituição deu-se em homenagem a Ricardo Giovannini, cantor barítono, fotógrafo e pintor italiano que nasceu em 24 de julho de 1853. Segundo Beal⁵, em 1903, ano que passa a residir em Rio Grande, desenvolve belos trabalhos artísticos, como a decoração do Teatro Sete de Setembro, o pano de boca do Teatro Polytheama, a decoração do vasto templo da Loja Maçônica Fiel ao Oriente Rio-Grandense e interiores de várias casas residenciais.

Ressaltamos que paralelamente a todo este trabalho, Ricardo Giovannini tinha seu atelier fotográfico, que era um dos estúdios mais procurados pela sociedade na época tanto

⁵ BEAL, Marisa Gonçalves. O texto foi utilizado na exposição “A Arte de Fotografar de Ricardo Giovannini”, realizada em 02 de julho de 2008 na galeria da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini.

pela sua competência de fotógrafo, como pela sua sensibilidade artística na montagem do cenário para o registro da imagem. E, juntamente com sua esposa, D. Alzira Cuppertino Giovannini, inaugura um curso de Desenho e Pintura de longa duração na cidade do Rio Grande.

A Fototeca Municipal localiza-se na Rua Marechal Floriano nº. 91 no centro da cidade do Rio Grande, ocupa o mesmo prédio onde está localizada a Pinacoteca Municipal Matteo Tonietti, no Centro Municipal de Cultura Inah Emil Martensen. Foi criada para suprir a grande demanda de fotos existentes da cidade, além de ser uma das formas de reunir todo este acervo em uma única instituição. A partir da vontade da então diretora da Escola de Belas Artes Heitor de Lemos, Marisa Beal, que começou a ter contato com as diversas coleções fotográficas que a cidade possui, desde o Gabinete de imprensa da Prefeitura Municipal até coleções particulares como a de Inah Emil Martensen, surgiu esta preocupação em se criar um lugar específico que organizasse e salvaguardasse estas coleções.



Figura 1: Centro Municipal de Cultura Inah Emil Martensen, espaço onde está localizada a Fototeca Municipal Ricardo Giovannini.

O acervo é proveniente de várias instituições: Escola de Belas Artes Heitor de Lemos, Museu Histórico da Cidade do Rio Grande, Centro Municipal de Cultura Inah Emil Martensen, Gabinete de Imprensa, Arquivo Geral da Prefeitura, Núcleo de Documentação da Cultura Afro-Brasileira –ATABAQUE –ICHI – FURG, Concurso Fotográfico de Olho Em Rio Grande Edições 1992-1994 -1996 e Concurso Fotográfico Matteo Tonietti edição 1998, além das doações que são realizadas pela comunidade, que busca este local como forma de perpetuação da história da cidade e ao mesmo tempo da sua história pessoal. Este acervo fotográfico, que data do final do século XIX, XX e XXI, contabiliza um total de 12.000 fotos, que tenta reunir elementos que ajudam a contar a história da cidade, da sociedade rio-grandina e suas transformações ao longo dos anos.

A instituição também faz parte do Cadastro Nacional de Museus, sob ofício nº 739/06 datado de 07 de Janeiro de 2006, mostrando - nos que somente nove anos após sua implantação, se inseriu verdadeiramente no cenário cultural brasileiro. Criada sob o pensamento de guardar, organizar e conservar o acervo iconográfico, porém, carregando consigo memórias, tão importantes e presentes quando falamos em acervo fotográfico, afinal:

[...] As demais faces são as que não podemos ver, permanecem ocultas, invisíveis, não se explicitam, mas que podemos intuir; é o outro lado do espelho e do documento; não mais a aparência imóvel ou a existência constatada, mas também, e sobretudo, a vida das situações e dos homens retratados, desaparecidos, a história do tema e da gênese da imagem no espaço e no tempo, a realidade interior da imagem: a primeira realidade (KOSSOY, 1998, p. 42).

A Fototeca através de suas ações museológicas, seu trabalho de preservação, conservação e comunicação, pode ser caracterizada como um museu propriamente dito. Assim como Mário Chagas afirma que “selecionar, reunir, guardar e expor coisas num determinado espaço, projetando-as de um tempo num outro tempo, com o objetivo de evocar lembranças, exemplificar e inspirar comportamentos, realizar estudos e desenvolver determinadas narrativas, parecem constituir as ações que, num primeiro momento, estariam nas raízes dessas práticas sociais a que se convencionou chamar de museu” (CURY apud CHAGAS, 2005, p. 25). No momento em que a instituição assume este papel no controle e gerenciamento do acervo fotográfico proveniente de diversas instituições, acaba por desenvolver também projetos e ações museológicas que permeiam sua rotina de trabalho. A começar pela documentação museológica, pela criação de um banco de dados específico para o seu acervo com um sistema de numeração; pela conservação preventiva e pelo trabalho de

acondicionamento dos artefatos em armários deslizantes em sua própria reserva técnica.

Ao enforçar os museus a partir de suas funções, constata-se que são instituições estreitamente ligadas à informação de que são portadores os objetos e espécimes de suas coleções. Estes, como veículos de informação, têm na conservação e na documentação as bases para se transformar em fontes para a pesquisa científica e para a comunicação que, sua vez, geram e disseminam novas informações (FERREZ, 1994, p. 65).



Figura 2: Arquivo deslizante da Reserva Técnica da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini. Adquirido através de um Projeto enviado para a FINEP (Financiadora de estudos e projetos), elaborado em parceria com o Grupo de Pesquisa Núcleo de Documentação da Cultura Afro- Brasileira - ATABAQUE – ICHI (Instituto de Ciências Humanas e da Informação)/FURG para a Fototeca Municipal. Fonte: Arquivo da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini, 2008.

Desenvolve concomitantemente, trabalhos de pesquisa que são realizadas na instituição; exposições de curta duração que acontecem periodicamente; além das ações educativas com professores e alunos da rede municipal de ensino.

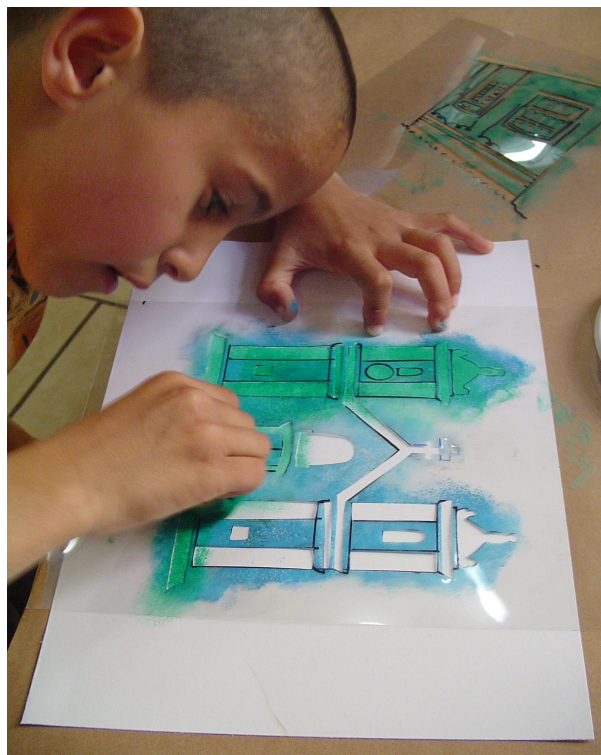


Figura 3: Ação Educativa realizada em 2008

Projeto realizado em parceria com o Centro Municipal de Cultura Inah Emil Martensen, intitulado “Educação Patrimonial” com alunos da 3ª série do ensino fundamental da Escola Ana Neri, localizada em Rio Grande.

Fonte: Arquivo da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini, 2008.



Figura 4: Exposição Brinquedos de Estimação

Exposição realizada em outubro de 2007 na galeria da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini.

Fonte: Arquivo da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini, 2007.

Juntamente com todo este trabalho que é desenvolvido, teve-se a ideia da realização de encontros com grupos de pessoas idosas da cidade, pessoas que se interessam pela salvaguarda da história da cidade e pela instituição, também atuando como doadores e parceiros sempre que solicitados. Estes encontros, denominados de “Chá com os idosos” trouxeram grandes avanços para a documentação museológica do acervo. Ao analisarem as cópias das fotografias, estes senhores e senhoras iam automaticamente, anotando e indicando as personalidades que reconheciam e os lugares onde se encontravam.

A documentação de acervos museológicos [...] é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar, como anteriormente visto, as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento (FERREZ, 1994, p. 65).

Muitos não conseguiam “traduzir” todas as imagens, mas em grupo, passaram a relembra histórias que perpassavam as imagens que foram selecionadas pela equipe da Fototeca. Momentos de lembranças e de nostalgia dos lugares e pessoas que já não se encontram mais ali, detalhes que complementaram algumas lacunas no banco de dados da instituição e que resultaram no surgimento do Banco de Memória Oral⁶, um projeto que teve início a partir desses momentos de memória coletiva que propiciaram muitas histórias que foram lembradas através do encontro com estas fotografias.

No ato de lembrar, nos servimos de “campos de significados” – os quadros sociais – que nos servem de ponto de referência. As noções de tempo e de espaço, estruturantes dos quadros sociais da memória, são fundamentais para a rememoração do passado na medida em que as localizações espacial e temporal das lembranças são a essência da memória (BARROS, 1989, p. 30).

⁶ Com relação ao conceito releitura é possível percebê-lo em cada indivíduo que visita a instituição, em cada visitante que entra em contato com este acervo fotográfico. Contudo, este projeto busca uma maior reflexão sobre este conceito, através dele é possível realizar tais releituras coletivamente com os cidadãos mais antigos da cidade, pessoas que vivenciaram épocas e trazem consigo diversas lembranças, diferentes experiências de vida, novas interpretações. Esta releitura traz consigo tanto uma riqueza para a Fototeca e seu acervo como para o visitante que recorda momentos especiais e passa a conhecer histórias que enriquecem a memória rio-grandina.



Figura 5: Chá com os idosos
Encontros realizados no auditório do Centro Municipal de Cultura Inah Emil Martensen.
Fonte: Arquivo da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini[s/d]

Este trabalho que visa à troca de conhecimento com a comunidade e a própria apropriação do público com o acervo, também traz consigo a transformação da fotografia em fonte de informação. Nesses encontros são estes idosos que com suas experiências de vida, suas vivências, suas memórias, traduzem estas fotografias e dão sentido para aquelas que antes estavam em processo de pesquisa, sem nenhum tipo de identificação. Com base nestes dados individuais e coletivos, e em dados de pesquisa história e iconográfica que este acervo ganha vida e torna-se uma fonte de pesquisa/ fonte documental.

2.2. O processo documental da fotografia:

O advento da fotografia surge no século XIX, em meio às diversas mudanças tecnológicas e científicas que o mundo presenciava naquele momento. Tratava-se da Revolução Industrial, que mudava o rumo da história moderna, que possibilitava avanços nos modos de produção e facilitava o desenvolvimento de novas tecnologias, como é o caso da fotografia e de seus mecanismos.

Através do pintor e químico Louis-Jacques Mandé Daguerre e de Joseph Niépce, que faleceu antes de presenciar o sucesso de sua criação, é reconhecido em 1839 o daguerreótipo, mecanismo que possibilitou a expansão do processo fotográfico e a possibilidade de complementação dos estudos e das pesquisas científicas. No início, o material fotográfico e o próprio daguerreótipo eram muito caros, e só estavam ao alcance de “ricos interessados ou de entidades científicas dotadas de fundos” (SOUGEZ, 1996, p. 60). Com a nova classe social que surgia, denominada burguesia, o invento que mistura arte com realidade, precisou tornar-se acessível e de fácil manuseio para assim se tornar presente no cotidiano da sociedade. Ao longo dos anos, surgiram câmaras de formato inferior ao daguerreótipo inicial, o que facilitou a expansão deste processo tanto como um complemento científico quanto forma de expressão artística.

Com a fotografia foi possível ter acesso a inúmeras realidades, ter como base essa fonte de informação para as diversas áreas do conhecimento e, o que a torna um invento único perante a tecnologia da época, é o fato de obter através dela o registro permanente de tudo que se queira recordar, ela preserva a memória visual do homem, ela congela o instante.

Conteúdos que despertam sentimentos profundos de afeto, ódio ou nostalgia para uns, ou exclusivamente meios de conhecimento e informação para outros que os observam livres de paixões, estejam eles próximos ou afastados do lugar e da época em que aquelas imagens tiveram origem. Desaparecidos os cenários, personagens e monumentos, sobrevivem, por vezes, os documentos (KOSSOY, 2001, p.28).

Este registro que a fotografia proporciona mostra sua semelhança com a realidade, sua proximidade com o universo que está sendo fotografado, um recorte temporal que fornece, iconograficamente, um painel de informações visuais e não visuais que possibilitam uma melhor compreensão do passado e do presente. Esse recorte não pode ser considerado um recorte neutro, afinal por trás deste ato/processo mecânico, encontra-se o fotógrafo, personagem que busca através da fotografia traduzir o momento, o cenário, o universo que ele

quer representar, portanto a fotografia é um ato intencional e ao mesmo tempo subjetivo, sendo capaz de possuir inúmeras significações e continuar sendo ressignificada⁷ sempre que posta em questionamento ou pura observação.

O ato fotográfico implica, portanto não apenas um gesto de **corte** na continuidade do real, mas também a idéia de uma **passagem**, de uma transposição irreduzível. Ao cortar o ato fotográfico faz passar para o outro lado (da fátia); de um tempo evolutivo a um tempo petrificado, do instante à perpetuação, do movimento à imobilidade, do mundo dos vivos ao reino dos mortos, da luz às trevas, da carne à pedra (DUBOIS, 1993, p. 168, grifos do autor).

Philippe Dubois define o ato fotográfico em dois tempos específicos. O corte temporal, aquele responsável por congelar a ação, o movimento, o instante, e o corte espacial, o qual não é determinado e nem construído, defini-se apenas como um espaço “pleno” que é completamente recortado pelo fotógrafo, é ele quem determina a imagem como um todo (DUBOIS, 1993).

[...] o que uma fotografia não mostra é tão importante quanto o que ela revela. Mais exatamente, existe uma **relação** – dada como inevitável, existencial, irresistível – do fora com o dentro, que faz com que toda fotografia se leia como portadora de uma **presença virtual**, como ligada consubstancialmente a algo que não está ali, sob nossos olhos, que foi afastado, mas que se assinala ali **como excluído** (DUBOIS, 1993, p.179, grifos do autor).

Mesmo que dividida por ações mecânicas, a fotografia sempre lida com o sentimento, um semblante de nostalgia, um minuto de felicidade. Ela traz consigo o momento presente e o momento ausente, que cada observador coloca em evidência através de sua experiência de vida. Com a fotografia, a imaginação está em ação constante, criando e recriando as características de seus personagens. Pensando com Humberto (1983, p. 86), “a fotografia sempre foi, principalmente, um bem afetivo. Ela guarda um tempo e as caras como já foram um dia. É lembrança e sentimento de algo perdido”.

O registro fotográfico como fonte de informação visual ainda pode ser considerado alvo de críticas, principalmente por não estar atrelado à tradição escrita. Conforme Kossoy, a fotografia ainda não alcançou seu status documental, que tradicionalmente, sempre significou

⁷ Ressignificação como um ato de reavaliar e reinterpretar a cada observação o que está em questão, atribuindo valores individuais e experiências de vida.

o documento escrito, manuscrito. Devido a sua característica subjetiva e das possíveis interpretações que ela pode receber ao longo dos anos, a fotografia acaba sendo banalizada como simples retrato e não como um documento/fonte histórica de um momento específico da história.

É necessário compreender que essas imagens podem ser consideradas documentos, mas que não falam por si só. Esta valorização dá-se por meio de um trabalho de pesquisa histórica e iconográfica para que, através deste embasamento científico ela possa ser reconhecida como fonte documental. O contato com pessoas idosas, com os proprietários destas fotografias, traz consigo um leque de informações que devidamente trabalhadas auxiliam na constituição de acervos fotográficos com característica de documentos históricos e fontes de informação visuais tão importantes quanto os documentos escritos, desse modo é possível trabalhar em conjunto com estes dois tipos de documento e transformar a pesquisa científica em algo muito mais completo e complexo. Complementando esta idéia, Guinchat e Menou(1994, p.41) definem documento como “ um objeto que fornece um dado ou uma informação. É o suporte material do saber e da memória da humanidade”.

Nas diversas áreas do conhecimento, em específico, nas Ciências Sociais, as fontes orais e visuais acabam sendo utilizadas como fontes de informação para comprovar e exemplificar as teorias e práticas que estão em questão. Pode-se citar como exemplo os estudos antropológicos, que sempre buscaram obter contato direto com seus objetos de pesquisa, compreender as diferentes sociedades, poder observar, estudar e sentir todos os aspectos importantes para sua constituição. O uso da fotografia como ferramenta de investigação traduz momentos únicos e que não poderiam apenas ser descritos nos relatórios, essas fotografias tornam-se documentos visuais do trabalho de campo que é desenvolvido pelos antropólogos, etnólogos e etnógrafos que transmitem o resultado de suas pesquisas através de fotos e vídeos. O antropólogo brasileiro Luiz Eduardo Robinson Achutti trabalha com o que ele denomina por “narrativa fotoetnográfica”, trata-se de uma narrativa que trabalha com as imagens realizadas durante seu trabalho de campo, ele as oferece “apenas ao olhar, sem nenhum texto intercalado a desviar a atenção do leitor/espectador”, uma vez que a linguagem fotográfica é diferente da escrita (SANTOS, 2005).

Além de ilustrativa, a fotografia tornou-se uma parceria do trabalho de campo, um recurso imprescindível para qualquer pesquisa. Assim como a Antropologia, ela ordena culturalmente os dados, os fragmentos da realidade, através da observação (ANDRADE, 2002, p. 53).

Na área da Ciência da Informação, através do pensamento de Paul Otlet a fotografia passa a fazer parte do universo da documentação, estendendo a definição de documento para toda e qualquer representação imagética. Conforme BUCCERONI e PINHEIRO, Otlet acreditava que a fotografia fosse mais verossímil que a própria visão, sem importar-se com os aspectos subjetivos que perpassam a sua produção e percepção (BUCCERONI; PINHEIRO, 2009)

Percebe-se que a fotografia desde o século XIX atua como mudança cultural, trazendo consigo marcas próprias, servindo como suporte para pesquisas científicas e transformando a maneira do homem de ver o mundo. A imagem fixa lembranças, guarda o modo de enxergar aquele momento específico, guarda as vivências. A subjetividade presente na fotografia é mais do que necessária para ajudar a construir novos significados a cada olhar, a cada experiência de vida, a cada instante fotografado. O homem através dela consegue manter sua história constante, transmitir suas experiências e ressignificar seu passado.

É por intermédio dos padrões culturais, amontoados ordenados de símbolos significativos, que o homem encontra sentido nos acontecimentos através dos quais ele vive. O estudo da cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, é, portanto, o estudo da maquinaria que os indivíduos empregam para orientar a si mesmos num mundo que de outra forma seria obscuro (GEERTZ, 1989, p. 150).

A fotografia nada mais é, do que um testemunho das mudanças temporais, espaciais e humanas que ocorrem ao longo do tempo. Uma imagem com poder evocativo, que provoca sentimentos, vontade de saber o que se encontra fora do cenário fotografado, de conhecer um pouco da história que se passava na época e de atribuir novos significados cada vez que se observa uma imagem. Memória e fotografia coexistem juntas, estão intrinsecamente ligadas e através delas é possível construir referências históricas, individuais e coletivas.

É com este embasamento teórico preliminar, que serão analisadas no capítulo seguinte cinco fotografias que fazem parte do acervo fotográfico da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini, para demonstrar como elas, a partir do momento em que passam a fazer parte da instituição, iniciam todo um processo museal específico, que as transforma em documento, fontes de informação. Além dessa análise serão descritos todos os processos de maneira ordenada, desde o ato da doação até a exposição, propriamente dita.

3. A vida que perpassa a imagem: a trajetória de cinco fotografias

Neste capítulo serão analisadas cinco imagens fotográficas referentes ao recorte temporal da pesquisa (1930 a 1950), levando em conta a análise da trajetória de vida⁸ de cada uma desde o momento da doação para a instituição até a prática expográfica e de pesquisa. Além dos conceitos sobre musealização, como um processo pelo qual todos os objetos precisam passar para tornarem-se musealizados e desta forma, fontes de informação/documentos. Também serão abordados alguns conceitos de exposição, e como esta pode ser considerada um meio de comunicação do museu com o seu público.

3.1. Os caminhos percorridos por cada fotografia:

Cinco são as fotografias que foram selecionadas do acervo composto de 12 mil exemplares pertencentes a Fototeca Municipal Ricardo Giovannini. A razão para tal seleção deu-se através do recorte temporal já definido no início da pesquisa, de 1930 a 1950, um período de afirmação econômica, social e urbana na cidade do Rio Grande. Estas imagens enquadram-se no contexto socioeconômico no qual a cidade encontrava-se durante a primeira metade do século XX. Concomitantemente com a análise das fotografias, a justificativa histórica para sua seleção irá complementá-la ao longo do texto.

A cidade do Rio Grande, fundada em 1737, vila de fundação portuguesa, foi o primeiro referencial urbanístico luso-brasileiro no Brasil, o principal centro comercial da capitania no início do século XIX e ao longo do século XX passou por grandes transformações urbanas e tecnológicas, com ascensão do capitalismo industrial (PAULITSCH, 2008). No início do século XX inicia-se a construção do Porto Novo e dos Molhes da Barra que começam a constituir o perfil do atual complexo portuário da cidade.

⁸ Considerando trajetória de vida como sendo todos os processos pelo qual a imagem perpassa e agrega informações. Citando LE COADIC (LE COADIC apud MICHEL, 1996, p.27), “A informação é o sangue da ciência. Sem informação, a ciência não pode se desenvolver e viver. Sem informação a pesquisa seria inútil e não existiria o conhecimento”.

Proporcionando empregos, crescimento demográfico e acelerada urbanização, a industrialização gerou também necessidade de melhorias no setor de transportes que assegurassem o escoamento da produção. Em 1884 foi inaugurada a estrada de ferro Rio Grande- Bagé, passando por Pelotas, facilitando a comunicação da cidade também com outros municípios. A partir da década de 1890 foram executados melhoramentos substanciais no setor portuário: aprofundamento do Canal do Norte; construção molhes leste e oeste da Barra, que facilitaram a entrada e saída de navios no complexo portuário, e construção do Porto Novo com modernas instalações (1911-1917). Em 1923 foi concluída a remodelação do Porto Velho (BITTENCOURT apud NEVES; LOVE; PIMENTEL, 2001).



Figura 6: Abrigo dos bondes, localizado próximo à Praça Tamandaré. Década de 1950. Imagem gentilmente cedida pela Fototeca Municipal Ricardo Giovannini. Número de registro no acervo: NR 8960

Já no final do século XIX, é fundada na cidade a Companhia Carris Urbanos do Rio Grande que transportava seus passageiros em vagões sobre trilhos, puxados por cavalo ou à vapor. Já na década de 1920 os bondes elétricos passam a ser o meio de transporte mais comum da cidade substituindo os veículos de tração animal, foram instalados pela Companhia Francesa do Porto do Rio Grande (TORRES, 2008). De acordo com o destaque feito por Bittencourt, na década de 1930 a cidade já possuía 16 bondes elétricos, na década de 1940 esse número cresce para 42 unidades e com um total de 24.500km de linhas urbanas (BITTENCOURT, 2001, p. 64). Para evidenciar todo o processo de musealização⁹ destas imagens e para ressaltar como elas tornam-se fontes documentais ao longo deste processo, é

⁹ Processo de musealização, termo que será abordado e analisado mais aprofundadamente no subcapítulo 2.2, pode ser definido como sendo um conjunto de conceitos técnicos e científicos que são aplicados ao objeto desde o momento que este é doado para a instituição, responsáveis por agregar informações e torná-lo assim em documento.

importante citar que todas já fizeram parte de consultas científicas e já foram utilizadas como fontes de informação para a academia. A figura 1, por exemplo, foi fonte de pesquisa para a Mostra Fotográfica realizada pelo Núcleo de Documentação da Cultura Afro-Brasileira -ATABAQUE – FURG, intitulada “A Memória Urbana Documentada nos Trilhos dos Bondes”, realizada em 2007.

Além de todo esse momento de modernização da cidade envolvendo indústria, transporte e comércio, existia uma demanda da própria sociedade local com relação à urbanização, com a intenção de criar novos espaços, como, por exemplo, avenidas, parques e praças, e a remodelação dos já existentes. A partir deste momento começam a surgir as construções arquitetônicas que atualmente são marcos patrimoniais da cidade. Um exemplo é a remodelação da Praça Xavier Ferreira, primeiramente conhecida como Praça Municipal, que em 1935 recebeu cercamento, arborização, presença do chafariz inglês, e em 1939 o monumento ao Brigadeiro José da Silva Paes, fundador da cidade.

Imponentes edifícios com fachadas ecléticas passaram a compor o cenário urbano, ostentando a riqueza e o “refinamento” da elite local. O gosto pelas formas arquitetônicas do passado europeu imprimiu uma nova fisionomia ao lugar, caracterizada pela apropriação e transformação dos modelos importados presentes em várias combinações que persistiram no cenário urbano além dos Anos Trinta (BITTENCOURT, 2001, p. 54).



Figura 7: Vista aérea da Praça Xavier Ferreira, localizada na Rua Marechal Floriano, Centro da cidade do Rio Grande - Década de 1950.

Imagem gentilmente cedida pela Fototeca Municipal Ricardo Giovannini.

Número de registro no acervo: NR 8974.

A figura 2, que corresponde à Vista aérea da Praça Xavier Ferreira, tombada com número de registro NR 8974 e fez parte do processo de coleta de dados de um Projeto de Dissertação de Mestrado em História pela UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), em 2003, utilizada pelo pesquisador Cidiclei Maia. Também participando como fonte de informação no trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de História da FURG (Fundação Universidade Federal do Rio Grande), no ano de 2008 pela acadêmica Renata Oliveira Lobato.

Conforme a prosperidade econômica, a cidade se desenvolvia e ampliava seus domínios, com isso, as diversas classes sociais se distinguiam cada vez mais. Entre a burguesia e o proletariado, ganhava espaço a classe média constituída por pequenos proprietários e comerciantes, funcionários públicos, profissionais liberais, entre outros. Conforme a Estatística Industrial de 1935, Rio Grande possuía na indústria têxtil cinco fábricas, e na alimentícia, 44. Em 1937 já possuía 6.000 operários, dos quais 1.797 trabalhavam na indústria têxtil e 3.909 na alimentícia. Especificamente nos frigoríficos trabalhavam 2.516 operários. No comércio constavam-se 508 estabelecimentos de atacado e varejo. (PIMENTEL, 1944)

Alguns exemplos destas fábricas e indústrias podem ser definidos a partir da instalação da Companhia Swift do Brasil S.A., fábrica de origem norte-americana situada no Porto Novo em 1917, que trabalhava com o abate e a industrialização de carnes congeladas para exportação; Aviação Comercial, criada em 1927, tendo início com a Linha da Lagoa dos Patos, ligando RG – POA; Empresa portuguesa Leal Santos funda sua sede na cidade em 1889, e em 1947, com a denominação de Indústrias Reunidas Leal Santos S/A passa a trabalhar unicamente com a indústria pesqueira; Companhia de Tecelagem Ítalo-brasileira fundada em 1894 e desativada em 1950, era uma indústria especializada na fabricação de tecidos de algodão; Refinaria de Petróleo Ipiranga S.A. fundada em 1937, atuando juntamente com a Fundação Cidade do Rio Grande, marcada pela preservação e investimento no patrimônio histórico e arquitetônico da cidade, bem como a criação de cursos superiores no campo de Engenharia, que veio a originar a Fundação Universidade Federal do Rio Grande em 1969. (TORRES, 2008)

Uma das mais importantes fábricas manufactureiras da cidade foi a Fábrica Rheingantz, fundada como Companhia União Fabril no ano de 1873. Uma empresa voltada a produção de lã ovina, fabricando desde meias até tapetes, e que se tornou uma das mais importantes indústrias têxteis do Brasil, inclusive trabalhando com exportação. A empresa de fiação e tecelagem desenvolveu um grande complexo industrial que, apesar das modificações urbanas

e arquitetônicas existe até os dias atuais. Conforme Ferreira¹⁰ (FERREIRA, 2009, p. 24) o núcleo industrial (escritórios, setor administrativo, unidades de produção dispersas em pavilhões como a tecelagem, a fiação e outras, a usina que abastecia as necessidades energéticas da empresa, as oficinas diversas que davam suporte ao processo de produção), os edifícios com funções específicas tais como o Cassino dos Mestres, a Mutualidade (cooperativa dos empregados da fábrica), o Ambulatório, a Escola e a Creche.



Figura 8: Fábrica Rheingantz S.A. – saída dos operários. Local: Avenida Rheingantz – Entre década de 1930 a 1940.

Imagem gentilmente cedida pela Fototeca Municipal Ricardo Giovannini.
Número de registro no acervo: NR 750.

A industrialização é insofismavelmente a maior aspiração com vistas ao desenvolvimento econômico e social. O progresso, o bem-estar social e a elevação cultural estão profundamente ligados com a criação, implantação e evolução do processo de industrialização. A transformação de matérias-primas em outros bens de produção e de consumo definem um estágio importante do próprio desenvolvimento da sociedade. A industrialização é uma necessidade vital à geração de novos produtos, empregos, recursos tributários e novas perspectivas de vida (VIEIRA, 1983, p.150).

A figura 3 referente a Fabrica Rheingantz, obteve seu tombamento na Fototeca Municipal como NR 750 e fez parte do projeto de pesquisa intitulado “Socialização do Patrimônio” do pesquisador Romeo Fazio e também da dissertação de Mestrado em Geografia pelo Institu-

¹⁰ FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi, Artigo intitulado “Patrimônio industrial: lugares de trabalho, lugares de memória”. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio/MAST lançada no primeiro semestre de 2009.

to de Ciências Humanas e Informação- FURG no ano de 2010 pelo mestrando Alexandre Es-labão Bandeira. A figura 4, sobre a Casa de Comércio Bromberg, com tombamento NR 1198, foi utilizada como fonte de pesquisa no projeto de dissertação do Mestrado em Geografia da FURG, em 2007 pela mestranda Vânia Rugilo Rodrigues.



Figura 9: Casa de Comércio Bromberg, localizada na Rua Marechal Floriano Peixoto (antiga Rua da Praia), Centro da cidade do Rio Grande. Aproximadamente na década de 1930. Imagem gentilmente cedida pela Fototeca Municipal Ricardo Giovanni. Número de registro no acervo: NR 1198.

Outro setor que crescia em concomitância aos anteriores citados, era o setor sócio-cultural que envolvia teatros, cine-teatros, cinemas e clubes sociais. Com o trabalho árduo e o novo modo de vida urbano que vinha se solidificando através do século XX, o crescimento do setor de entretenimento e lazer apresentava uma opção de descanso, troca de experiências e de ideias além da integração social e coletiva que ocorria nesses espaços. Nas palavras de Ezio Bittencourt:

A urbanização e a industrialização da cidade refletiam-se diretamente no mundo do lazer e das diversões, sobretudo a partir da Revolução de Trinta, quando uma série de leis sociais que vinham sendo reivindicadas pelos trabalhadores brasileiros desde fins do Oitocentos foram promulgadas (redução do número de horas de trabalho,

descanso semanal, férias, aposentadoria), gerando a criação e a ampliação do tempo livre para o empregado, que passou a aproveitá-lo de modo mais agradável. Forjou-se, assim, um grande mercado consumidor de diversões de todos os gêneros (BITTENCOURT, 2001, p. 110,111).



Figura 10: Cine-Teatro Carlos Gomes, localizado na Rua General Bacelar (antiga Rua Direita) no centro da cidade do Rio Grande - Década de 1940.
Imagem gentilmente cedida pela Fototeca Municipal Ricardo Giovannini.
Número de registro no acervo: NR 4232.

Os cine-teatros se tornaram famosos entre a sociedade rio-grandina, oferecendo espetáculos ora de tela, ora de palco. O processo de modernização da cidade instigava a comunidade a fazer parte desses espaços civilizatórios. De acordo com Bittencourt (2001), ao alcançar o ano de 1943, Rio Grande possuía vários cine-teatros: Sete de Setembro, Politeama Rio-Grandense, Carlos Gomes, Avenida, Guarani, Liceu e Imperial, que funcionavam diariamente.

O Cine-Teatro Carlos Gomes, inaugurado em 1º de fevereiro de 1922, localizava-se na Rua General Bacelar quase esquina com a Rua Duque de Caxias, ponto privilegiado da cidade

tanto pela urbanização quanto pelo comércio. Acabava por estimular um grande número de setores do comércio e da indústria, como, por exemplo, o movimento nos Cafés, bilhares, a presença de vendedores ambulantes, além do consumo de chapéus, sapatos e roupa, também fazendo parte deste movimento que girava em torno destes espaços de lazer e cultura (BITTENCOURT, 2001). A figura 5, referente à década de 1940, com tombamento NR 4232, serviu como fonte documental no ano de 2007 para a elaboração do “Vídeo Arte”, do curso de Artes Visuais da FURG, pela pesquisadora Lidiane Pedroso Melo e para o vídeo de elaboração do “Cine Cultura” das Faculdades Atlântico Sul de Rio Grande – Anhanguera Educacional, pela pesquisadora Daniele Manczak dos Anjos.

Conforme o Jornalista Renato Gianuca¹¹, o Carlos Gomes durante os anos de 1950, além dos filmes, apresentava em seu palco a orquestra internacional Santa Paula Serenaders, mantendo-se fiel à tradição de palco e tela, mantendo o cine-teatro como um lugar de cultura e entretenimento.

Estas fotografias pertenciam a coleções diferentes quando foram doadas para a instituição e a partir do momento em que elas foram inseridas e reunidas no acervo da Fototeca Municipal passaram a contar a história da cidade de uma maneira mais contextualizada, carregando consigo múltiplos significados e valores simbólicos como objeto único e também como parte de um acervo que contém inúmeras imagens que se relacionam entre si. Estas imagens passaram a ser documentos visuais da memória rio-grandina, ao passarem pelo processo de musealização tornam-se acessíveis, contextualizadas e instrumentalizadas para a sociedade.

O valor documental de um objeto musealizado manifesta-se apenas no contexto museológico, enquanto o assunto de processo documentado pode ser encontrado tanto em outros contextos quanto na individualidade do objeto ou no próprio contexto museológico (...) os valores documentais de um objeto individual acumulam-se o valor da coleção como um todo (MAROEVIC in HOOPER-GREENHILL, 1995, p. 3).

A musealização transforma o objeto em documento, especificando e analisando seus dados e significados, conferindo conhecimento sobre o mesmo, agregando-o a sistemas de informação e documentação que podem vir a serem acessados dentro ou fora do museu. Desse modo preservam-se estes documentos em sua essência através de diferentes mídias acessíveis

¹¹ Matéria intitulada “O cinema resiste em Rio Grande”, escrita pelo Jornalista Renato Gianuca para o Jornal Agora, jornal da cidade do Rio Grande em 06 de janeiro de 2010.

à sociedade. Sua importância é percebida a partir do momento em que este se torna uma fonte de informação, que possa ser lido e compreendido, além de preservado para a posteridade. Não haveria sentido preservar informações que jamais serão recuperadas. Conforme enfatiza Sólis, o documento é um registro material de informações, registros documentais, sejam quais forem os suportes que possua m (SÓLIS, 1992). Com as fotografias não é diferente, afinal estas carregam consigo inúmeras informações, sentidos e significados iconográficos e iconológicos, que são fundamentais para a interpretação e releitura da historicidade e da memória coletiva.

Contudo, a aquisição e a documentação museológica não são os únicos meios de se preservarem os acervos, juntamente com eles encontram-se a conservação, a pesquisa e a comunicação, um processo constante que faz parte do trabalho diário de um museu. Musealizar é trilhar um caminho, organizar toda uma trajetória de vida do objeto, para que ele mantenha-se vivo e possa servir como suporte de informação e como um documento, propriamente dito.

3.2. O processo de musealização:

O museu enquanto um espaço designado a salvaguardar a memória e que, como consequência disto, preserva, conserva e comunica o patrimônio cultural público e privado, necessita de diretrizes museológicas específicas para selecionar e gerenciar este acervo desde o momento em que ele é doado e passa a fazer parte do museu. Nesse sentido enfocaremos o processo primordial que é unicamente desenvolvido por um espaço museal, que é denominado de *musealização*. A partir deste processo estes objetos adquirem novos significados, deixando a sua funcionalidade no passado e passando a fazer parte de um acervo no presente. Quanto a esta questão, Horta (1994) percebe o museu como lugar semiótico, que procura captar tanto a materialidade do objeto quanto sua essência. Mas o que traduz e insere significado a ele é o próprio processo de musealização através da pesquisa, da documentação museológica, por parte dos profissionais dos museus, e da comunicação, que pode ser desenvolvida através da exposição, um dos muitos meios de comunicar que o museu possui.

Os objetos inseridos no contexto museológico desempenham uma função significativa (...) sua materialidade original e concreta serve como suporte de sentidos e remete-nos a outros objetos ausentes de nosso campo de visão, mas presentes em nosso universo mental (HORTA,1994,p.10).

Na Fototeca Municipal Ricardo Giovannini é possível verificar o desenvolvimento de ações museológicas, ações estas que visam qualificar, documentar e instrumentalizar o acervo para que este possibilite a troca de informações com a sociedade. Através do desenvolvimento de uma política de aquisição, de descarte e de tombamento, a instituição criou além do Livro de Entrada e do Livro Tombo, um banco de dados digital desenvolvido em específico para o acervo da instituição pela própria equipe do museu. Atualmente ele está sofrendo alterações em relação à sua formatação, para facilitar o manuseio e a impressão das fichas, trabalho voluntário desenvolvido por Cinara Tarta, graduada em Informática pelo CTI (Colégio Técnico Industrial) e em Matemática Licenciatura na FURG; Foi professora de Geomática no CTI e possui Especialização em “Aplicação para web” também na FURG. Este banco traz, além da imagem digitalizada, toda informação referente ao objeto em questão. A ficha contém seis partes, as quais se subdividem em treze momentos da fotografia desde a sua entrada no acervo. Estes treze momentos são divididos em:

1. **Identificação:** Denominação, número de registro, título, subtítulo, tipo de suporte/emulsão, data/período da imagem (dia/mês/ano/século), local da imagem, autoria (s), data, nome artístico, dados biográficos, formato, assinatura do fotógrafo;
2. **Situação:** Original, P/B, colorido ou viragem, localização, cópia consulta número, fundo, coleção (dossiê, álbum, página), cópia (negativo para cópia, número do negativo, localização do negativo), exposições, projetos (em exposição);
3. **Registros:** Número de entrada, número P.M (referente à coleção que pertencia à Prefeitura Municipal), números anteriores, número de processo, modo de aquisição (doação, compra ou outros), doc. número, fonte, data da aquisição, avaliação, comissão de avaliação, data da avaliação, valor, inscrições;
4. **Dados técnicos de reprodução:** Material/ técnica, fotógrafo, fonte, dimensões da reprodução (altura e largura), diâmetro e tipo de suporte de reprodução;
5. **Descritores:** Descrição iconográfica da imagem;

6. **Conservação:** Bom, regular, ruim ou péssimo; intervenções sofridas, material/ data de acondicionamento, higienização/data;
7. **Histórico;**
8. **Bibliografia:** Bibliografia, texto para etiqueta e palavras-chave;
9. **Referências no acervo;**
10. **Proteção:** Federal, Estadual e/ou Municipal;
11. **Condições de segurança:** Boa, razoável ou ruim;
12. **Observações;**
13. **Compilador(es)/ data (s):** responsável pelo tombamento e registro da imagem.

Além de ser uma maneira de documentar o acervo em diferentes mídias, auxilia quando solicitado por um pesquisador ou quando a equipe precisa complementar ou retificar qualquer informação. A pesquisa é uma atividade constante, o acervo é procurado por inúmeras razões, desde escritores literários, graduandos, mestrandos, doutorandos e comunidade. Para que estas ações possam ser implementadas torna-se importante o fato do acervo estar sistematizado.

A documentação museológica é parte fundamental para a constituição de um acervo; é através dela que os objetos tornam-se parte do museu, são identificados, recebem uma numeração específica e uma ficha catalográfica na qual se encontram diversas informações sobre ele, desde o ato da doação até sua medição e seu estado de conservação. A partir da documentação, estes objetos podem ser sistematizados e podem também, servir como fontes de pesquisa e de informação. Ferrez (1994) assinala o objeto quando incorporado ao acervo como um “conjunto de informações sobre cada um de seus itens (coleções) e, por conseguinte a representação destes por meio da palavra e da imagem” (1994, p.65).

Com relação à preservação e à conservação do acervo, que compreende além das doze mil fotografias alguns processos fotográficos como ferrótipos, ambrótipos, álbumens, negativos de vidro, negativos flexíveis e imagens em gelatinas, é necessário que exista um local específico para a higienização, numeração e acondicionamento deste material. A instituição através da participação do edital lançado pela FINEP (Financiadora de estudos e projetos) em 2006, elaborado em parceria com o Grupo de Pesquisa Núcleo de Documentação da Cultura Afro- Brasileira - ATABAQUE –ICHI (Instituto de Ciências Humanas e da Informação) da Fundação Universidade do Rio Grande (FURG), foi contemplada com um armário deslizante com divisórias específicas para as pastas suspensas utilizadas para o acondicionamento de fotografias. Estas são numeradas e catalogadas, higienizadas através de uma higienização mecânica com pincel e acondicionadas nas pastas suspensas ou também em envelopes indivi-

duais dentro de pastas de polionda, as quais não agredem o material fotográfico. Na mapoteca guardam-se os negativos e suportes fotográficos que ficam envoltos por espumas brancas. A reserva técnica é um espaço criado especificamente para o acondicionamento e a preservação de todo e qualquer tipo de acervo, seu tamanho depende das necessidades volumétricas e topológicas de cada acervo, é um local fundamental dentro de um museu, deve ser adequadamente moldado de acordo com os requisitos básicos de conservação, visando os fatores físicos, químicos e ambientais. A Fototeca possui sua reserva técnica de piso frio, com dois desumidificadores, dois ventiladores, uma janela e uma porta com fácil acesso para a rua (em caso de algum incêndio). A preocupação com a preservação deste acervo também passa pela limpeza do espaço, o piso frio é limpo apenas com álcool gel, para evitar o aumento da umidade relativa do ambiente.

Para Bruno (1991), todas estas ações simbolizam o percurso de musealização, que no seu entender é o processo “constituído por um conjunto de fatores e diversos procedimentos que possibilitam que parcelas do patrimônio se transformem em herança, na medida em que são alvo de preservação e comunicação” (1991, p. 68). Ainda neste pensamento, Bruno(1991) respaldada em Shanks e Tilley, afirma que o processo de musealização pode ser denominado como a elaboração de um sistema estético para criar significados. E com este sistema é importante ressaltar além da importância da documentação museológica, as atividades educativas, de pesquisa, de conservação e de expografia.

Os processos de musealização, vistos como o eixo central da construção desta área de conhecimento, por um lado contribuem para a seleção, triagem, organização e conservação da documentalidade, testemunhalidade e autenticidade impressas nos objetos musealizados. Por outro lado, constroem novos valores e significados para estes objetos, por meio da elaboração de exposições e ação educativo-cultural (BRUNO,1996,p.23-24).

Conforme Cury (2005) o processo acontece desde o momento da aquisição, da entrada do objeto na instituição, logo passando pelos trabalhos de pesquisa, conservação e documentação e tendo a comunicação como meio final deste processo. E uma das formas principais de comunicação entre o museu e seu público se dá através da exposição. Sabe-se que esta forma não é a única forma de comunicar o acervo, a pesquisa e as ações educativas são outros exemplos de comunicação museológica que podem ser desenvolvida pelo museu.

A comunicação museológica é a denominação genérica que são dadas às diversas formas de extroversão do conhecimento em museus, uma vez que há um trabalho de introversão. As formas são variadas, como artigos científicos de estudos de coleções, catálogos, material didático em geral, vídeos e filmes, palestras, oficinas e material de divulgação e/ou difusão diversos. Todas essas manifestações são, no museu, comunicação no *lato sensu*. No *stricto sensu*, a principal forma de comunicação em museus é a exposição ou, ainda, a mais específica, pois é na exposição que o público tem a oportunidade de acesso à poesia das coisas. É na exposição que se potencializa a relação profunda entre o Homem e o Objeto no cenário institucionalizado (a instituição) e no cenário expositivo (a exposição propriamente) (CURY, 2005, p. 34).

A Fototeca além das ações educativas que desenvolve com as escolas da rede municipal de ensino, através de palestras com os professores e alunos, atividades artísticas e visitas monitoradas, possui um trabalho de recuperação de informação através de pessoas idosas da cidade, principalmente aqueles que participaram e participam como doadores de material. Este trabalho denominado de *Chá com os Idosos* começou a ser desenvolvido em 2003, com o intuito de recuperar ou aproximar a leitura histórica e iconográfica da imagem. Como a instituição é constituída de várias coleções que já existiam em outros locais e que ao se unirem originaram a Fototeca Municipal, ela sofre com problemas de identificação do acervo. Esta mudança ocorre porque tais coleções individualmente possuíam um sentido, se auto explicavam através do seu colecionador ou sequer existia o interesse em identificá-las. No entanto, a partir do momento em que passaram a fazer parte de um acervo musealizado “pressupõe-se o processo cotidiano para o reconhecimento e a formulação de sentidos” (CURY apud LOURENÇO, 2005, P. 35, 36) que necessita de pesquisa e de coleta de dados referentes à sua história e à história do que está sendo retratado.

Estes encontros são organizados pela equipe da instituição, que entra em contato com os grupos de idosos da cidade visando, a partir do material pré-selecionado, quem eles acreditam que tenha vivenciado aquele momento ou período e preferencialmente, que todos possuam com a mesma faixa etária. A ideia do chá está embasada na relação de descompromisso e conversa informal que atrai estas pessoas aos tais encontros, onde muitos podem estar reencontrando antigos conhecidos e lembrando momentos com aqueles mais íntimos.



Figura 11: Primeiro convite dos Chás, enviado à senhora Liliam Capaverde Saraiva.

Fonte: Acervo da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini, 2003.

A releitura do material fotográfico, disponibilizado pela equipe através de cópias ampliadas, ocorre de uma maneira individual e coletiva. Ao entrar em contato com as imagens, eles vão escrevendo no próprio material e anotando na frente ou no verso da folha o que está retratado naquele momento. Entretanto, ao longo desses encontros, as informações históricas ultrapassavam as informações iconográficas, algo que chamou a atenção da equipe ao perceber a interação entre o grupo, o que acabou revelando e trazendo à tona muitas histórias da cidade e de seus moradores em diferentes épocas.

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiveram mais frequentemente em contato com ele. As relacionadas a um número muito pequeno e às vezes a um único de seus membros, embora estejam compreendidas em sua memória (já que, pelo menos em parte, ocorreram em seus limites), passam para o segundo plano (HALBWACHS, 2006, p. 51).

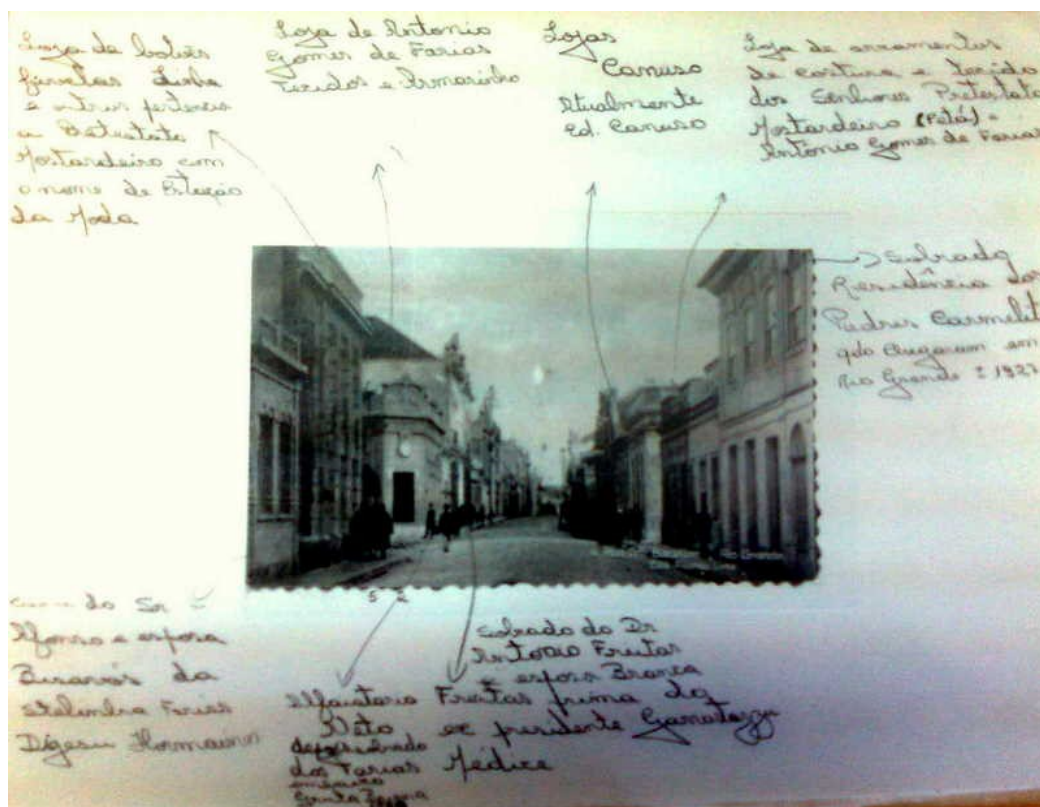


Figura 12: Cópia da fotografia referente à Rua General Bacelar - Década de 1940.

Material utilizado nos chás.

Fonte: Fototeca Municipal Ricardo Giovannini, 2010.



Figura 13: Cópia utilizada nos chás com os idosos – Baile de debutantes no Clube do Comércio.
Material utilizado nos Chás com os idosos.

Fonte: Fototeca Municipal Ricardo Giovannini, 2010

Foi seguindo esse pensamento que se desenvolveu o projeto intitulado *Banco de Memória Oral*, que irá registrar estas histórias, através de novos encontros que envolveram outras temáticas, abordagens em grupo e entrevistas individuais com a intenção de que nada se perca sobre a história da cidade contada a partir dos seus moradores mais antigos. Para a seleção foi levado em conta o gosto e o apreço que os entrevistados dirigem à fotografia, seus interesses, participação e conhecimento relacionado à arte de fotografar. Os entrevistados foram selecionados em dezembro de 2009 pelo grupo de pesquisa do projeto, composto pela coordenadora da Fototeca Municipal, Marisa Beal, especialista em Conservação de Artefatos, pela historiadora Flávia Altmayer e pelo geógrafo e coordenador do Núcleo Atabaque, professor Dário Lima. A primeira temática do projeto de pesquisa foi “Fotografia e Fotógrafos da cidade do Rio Grande”, a qual teve seu foco em três cidadãos genuinamente rio-grandinos: José Altair

Marques de 67 anos, fotógrafo aposentado; Walter Albrecht de 92 anos, um colecionador de imagens da cidade do Rio Grande; e a senhora Teodolinda Batezat de Souza de 85 anos, uma pessoa apaixonada por fotografia, que guarda com muito carinho e cuidado suas recordações através de suas fotografias.

Para estas entrevistas foi utilizado o método de pesquisa da História Oral, que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos, como a filmagem e a gravação sonora, para o registro de narrativas que complementam a experiência humana (FREITAS, 2002). Tal método veio a contribuir com todo o processo de musealização que já vinha sendo desenvolvido pela equipe, agregando mais informações aos objetos em questão e enriquecendo a historiografia do acervo fotográfico.

3.3. A humanização do processo:

A partir destas três primeiras entrevistas individuais surgiu a ideia da exposição “Cenas e retoques: a arte de fotografar Rio Grande – 1930/1960” inaugurada em maio deste ano, que conta com imagens feitas por fotógrafos locais, principalmente os citados pelos entrevistados. Contabilizam em torno de dezesseis imagens feitas por seis fotógrafos: Tonietti, Giovannini, Gérson, Alziro, Cauby, Rubens e Lopes, mostrando desde os antigos prédios até retratos de família. Também estão em exposição na galeria máquinas fotográficas utilizadas na época, empréstimos do Museu Histórico da Cidade do Rio Grande.

As três entrevistas já realizadas pelo Banco de Memória Oral, organizadas e aplicadas pela Historiadora da Fototeca, Flávia Altmayer, deram início a um trabalho de história oral que atua em complementação com o processo de musealização da instituição, acrescentando dados informacionais e históricos ao acervo como um todo. Conforme Freitas, “a História Oral tem como principal finalidade criar fontes históricas. Portanto, essa documentação deve ser armazenada, conservada, e sua abordagem inicial deve partir do estabelecimento preciso dos objetos de pesquisa” (FREITAS, 2002, p. 6).

É possível notar o interesse dos entrevistados pela instituição, pelo desenvolvimento deste projeto e o quanto a fotografia é importante como suporte de memória, como ela se define como um documento iconográfico e histórico carregado de sentidos que vão sendo adquiridos ao longo dos anos, por cada indivíduo que olha e que atribui valor àquelas imagens em es-

pecífico. Seguindo este pensamento, Freitas respaldada por Nevis (2002), nos diz a História Oral é uma fonte, um documento, uma entrevista gravada que podemos usar da mesma maneira que usamos uma notícia do jornal, ou uma referência em um arquivo, em uma carta.

O senhor José Altair Marques de 67 anos, foi fotógrafo da antiga Casa dos Amadores desde o final da década de 1950 até início da década de 1980. Possui um grande número de imagens em sua residência, imagens dos trabalhos que realizava em estúdio e em eventos e solenidades, como por exemplo, a visita do Presidente Médici à cidade. Preserva suas imagens com muita dedicação.

Trabalhei como fotógrafo na Casa dos Amadores durante 28 anos [...] meu primeiro contato com a fotografia foi no estúdio do Tonietti para registrar a minha Primeira Comunhão[...] comecei a trabalhar aos 14 anos, no dia 1º de março de 1958, na Casa dos Amadores. Entrei como balconista e, daí em diante, passei a me interessar pela fotografia. [...] As mudanças precisam ocorrer, mas, em muitos casos, a beleza deixa de existir e onde ela fica marcada? Na fotografia, nas imagens. Isso é o que irá nos trazer essa memória, essa beleza do passado. Para mim, esse é o sentido da fotografia, essa é a razão da reportagem, por isso, dou muito valor a quem faz isso[...]¹²

O senhor Walter Albrecht de 92 anos, é muito conhecido no meio portuário e cultural da cidade por seu extenso conhecimento da história e cultura locais. Além de possuir uma grande coleção de imagens de Rio Grande e ser um grande parceiro da instituição, doando fotografias, participando de monitorias nas exposições e do Banco de Memória Oral.

Nasci em 23 de outubro de 1918 [...] meu avô era hamburguês e veio para cá em 1870, com 18 anos, para trabalhar em uma firma alemã [...]. Quando meu pai se tornou adolescente, foi remetido para a Alemanha(primeira década do século XX) para fazer sua formação. Estando na Alemanha, ele se apaixonou por duas atividades: a fotografia e o entalhe em madeira. Quando retornou para cá, montou em casa um laboratório. Ele mesmo é quem revelava as fotografias que tirava, enfim, fazia todo o processo, todo o serviço de fotógrafo. Essa foi a minha primeira lembrança de fotografia¹³

¹² Entrevista realizada pela Historiadora Flávia Altmayer com o Senhor José Altair da Silva Marques em dezembro de 2009.

¹³ Entrevista realizada pela Historiadora Flávia Altmayer com o Senhor Walter Albrecht em dezembro de 2009.

A senhora Teodolinda Batezat de Souza de 85 anos, é uma pessoa apaixonada pelas imagens fotográficas, possui álbuns intactos e os preserva com o maior cuidado. Desde bem nova teve contato com fotógrafos conhecidos da cidade como Matteo Tonietti e o próprio Ricardo Giovannini, em função dos retratos de comunhão que eram realizados em estúdios.

A lembrança mais remota que tenho de fotografia foi quando fomos (c.d 1933) a minha irmã, minha mãe e eu, ao fotógrafo Giovannini, na Marechal Floriano. [...] Ele vinha, arrumava a pessoa para a foto, depois voltava, olhava por aquela máquina que tinha um pano em volta [...] era um fotógrafo detalhista, um italiano artista! [...] Depois de Giovannini, vieram outros retratistas que foram o Gérson e o Rubens. [...] O Gérson se “empoleirava” para fazer as fotos dos desfiles de rua, em todas as árvores da Praça Xavier Ferreira, o chamavam de “macaco” porque ele subia onde tu nem pensavas!¹⁴

É com este tipo de visão, com este trabalho que envolve tanto equipe do museu quanto os próprios doadores, que são ao mesmo tempo público, que o acervo passa a contar a sua própria história, torna-se musealizado, transforma-se em fonte de informação e também cria um elo comunicacional com a comunidade. Esta interatividade deve ser aperfeiçoada por toda e qualquer instituição museológica que busca a troca de conhecimento entre público e acervo, que queira manter-se como um espaço de construção de valores que busca a viabilização destas fontes documentais para a sociedade.

3.4 Expografia: um dos principais contatos comunicacionais do acervo com o público

A exposição faz parte das ações que são desenvolvidas pelo museu, é através dela que o público passa a conhecer o acervo e a compreender a missão deste espaço como instituição pública ou privada de caráter permanente. No entanto, cada exposição necessita de uma atenção especial, pois elas não são feitas e nem pensadas sem antes serem discutidas e analisadas pela equipe de trabalho. É um processo detalhado que envolve todos os setores do museu:

¹⁴ Entrevista realizada pela Historiadora Flávia Altmayer com a Senhora Teodolinda Batezat de Souza em dezembro de 2009.

desde a concepção da exposição através da pesquisa, que pode ser feita dentro ou fora da instituição, o uso da documentação museológica e também, o processo de montagem que envolve toda a equipe de profissionais do museu juntamente com a equipe de técnicos responsáveis pela manutenção, trabalho que diz respeito à marcenaria e/ou vidraçaria.

Percebendo toda a gama de profissionais envolvida, pode-se perceber a importância do trabalho e a qualidade que é almejada, afinal o museu através das suas exposições possui o intento de fazer com que o visitante sinta-se bem durante a visita e que aquele tema selecionado seja de alguma forma, ressignificado por cada indivíduo.

O exercício da apreciação em museus e exposições tem como uma das finalidades reduzir a lacuna existente entre o que estimulou o autor (ou artista) a fazer o artefato (ou obra) e o fruidor, permitindo que uma multiplicidade de significados sejam expressos, interpretados, compartilhados e revelados (CURY apud RIZZI, 2005, p.39).

A exposição só possui um verdadeiro significado no momento em que existe interação entre a mesma, o público e o museu. Pensando nisso, surgiu a preocupação de serem feitas pesquisas de público antes mesmo de se pensar nas exposições. Dessa forma, o público influencia diretamente no processo expográfico, tendo em vista que, ele será o responsável pela concepção dos mesmos.

Procura-se oferecer ao público a oportunidade para um comportamento ativo cognitivo (intelectual e emotivo), interagindo com a exposição. Em síntese, procura-se a interação entre mensagem expositiva e o visitante, para que a exposição permita uma experiência de apropriação de conhecimento (CURY, 2005, p. 38).

Na Fototeca as exposições acontecem em uma das galerias do Centro Municipal de Cultura Inah Emil Martensen, espaço que é reservado tanto para as suas exposições fotográficas como para as exposições que são realizadas pela Pinacoteca Municipal Matteo Tonietti. Este detalhe faz com que a instituição só produza exposições de curta duração, o que se torna um problema e também um atrativo para o público, que sempre que visita a galeria encontra

fotografias diferentes, mas que ao mesmo tempo deixa de ter conhecimento sobre as muitas imagens existentes na instituição.



Figura 14: Exposição “As águas vão rolar... o carnaval em Rio Grande no período de 1900-1960”.

Exposição realizada de novembro de 2008 a fevereiro de 2009.

Fonte: Acervo da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini, 2008.

As exposições são concebidas através da equipe em parceria com o Núcleo de Documentação da Cultura Afro-Brasileira –ATABAQUE –ICHI – FURG e também com o Museu Histórico da Cidade do Rio Grande. Muitas das idéias de concepção passam pelas ações de pesquisa que estão sendo desenvolvidas pelos pesquisadores e pela própria equipe do museu, uma dessas ações é o *Chá com os Idosos*, atividade que perpassa a pesquisa e acrescenta tanto informações no banco de dados como na expografia.



Figura 15: Exposição Brinquedos de Estimação.

Exposição realizada em outubro de 2007. O Sr. Walter Albrecht foi o monitor desta exposição durante sua inauguração, mostrando aos visitantes como funcionava sua "máquina a vapor". Fonte: Acervo da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini, 2007.

As exposições desenvolvidas em parceria com o Banco de Memória Oral, projeto que teve início a partir dos encontros nos chás, são focadas nas imagens trabalhadas e relidas pelos idosos. Através do Banco surgiram novas histórias que ultrapassavam a leitura iconográfica, enriquecendo o acervo já identificado por eles em grupo ou individualmente. A exposição atual intitulada “Cenas e retoques: a arte de fotografar Rio Grande – 1930/1960” surgiu em parceria com este projeto, fruto de três entrevistas com pessoas da cidade, que participam dos chás e que tiveram contato e experiências fotográficas com os principais fotógrafos da cidade.



Figura 16: Exposição “Cenas e Retoques: a arte de fotografar Rio Grande – década de 1930/1960”.

Exposição inaugurada dia 17 de maio de 2009.

Fonte: Acervo da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini, 2009.



Figura 17: Exposição “Cenas e Retoques: a arte de fotografar Rio Grande – década de 1930/1960”.

Visita da Srª Teodolinda Batezat de Souza, uma das entrevistadas no projeto Banco de Memória Oral.

Fonte: Acervo da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini, 2009.

Este primeiro retorno do projeto, mostra como acrescenta tanto informações para a documentação da imagem quanto riqueza de detalhes encontrada em cada entrevista. As vivências revelam outro lado da imagem, do lugar, das pessoas fotografadas ou do fotógrafo, como é o caso desta exposição. Também assinala para novas ideias expográficas, concepções futuras, novas temáticas ainda não exploradas pela equipe. Um acervo totalizado em doze mil imagens possui um leque imenso de possibilidades e de abordagens expográficas, no entanto, com o contato com a comunidade fica mais interessante pensar em parceria o que se gostaria de ver e o que poderia ser desenvolvido através destas fotografias.

Uma boa maneira de se pensar em parceria com o público é aplicar uma pesquisa de público, uma pesquisa de recepção e avaliação do que está sendo exposto. Um levantamento que proporcionará uma maior interatividade entre o público e o museu, bem como seu acervo. De acordo com Cury, desenvolver esta mentalidade avaliadora “traz informações sobre como o público a compreende, assume a forma de *feedback*, realimentando o processo através de correções e/ou adequações no meio” (CURY, 2005, p. 41, grifo da autora). No momento em que o visitante torna-se um indivíduo ativo dentro do museu, a expografia e todas as ações voltadas para a comunicação museológica se tornam recíprocas e pertinentes ao que está sendo solicitado, diálogo constante entre público e acervo. Pensando desta forma, a Fototeca desenvolve em parceria com a comunidade projetos, como o Banco de Memória Oral, encontros, como os chás e exposições que abrangem as demandas do público, como o que acontece na exposição que trata sobre os primeiros fotógrafos locais da cidade e de como se dava todo o processo, desde a captura e o registro das imagens, passando pela revelação até a comercialização.

Durante as exposições é importante perceber o interesse do visitante, a curiosidade ou até mesmo a decepção, e a partir destas reações, que podem ser indagadas ao longo da visita pelo monitor ou por meio de questionários, fica mais interessante pensar e repensar as temáticas expográficas, afinal o acervo considerável de fotografias, neste caso, abrange inúmeros significados que podem vir à tona através desta participação ativa do público com o museu. Transformando assim, o visitante em presença viva e ativa, pensando o museu, aperfeiçoando essa troca de conhecimento a partir do acervo em questão.

Ao longo deste capítulo pode-se analisar e reconstituir toda a trajetória de vida das cinco fotografias selecionadas de acordo com o recorte temporal delimitado, buscando mostrar desta forma, a inter-relação existente entre as imagens como documentos. Fotografias queaju-

dam a contar da história da cidade, carregando consigo as memórias de um lugar que já passou por inúmeras modificações e que se mantém preservado através deste acervo musealizado. Levando em consideração todo o processo de musealização pelo qual as imagens passaram, percebe-se a transformação documental que as imagens adquirem. Agregando novas informações, novos sentidos e fazendo parte de um acervo por fim, musealizado. Além da importância da oralidade como forma de adquirir informações, que somente os indivíduos que vivenciaram estas imagens podem transmitir. Trabalho que confere historicidade ao acervo, complementa sua documentação museológica e possibilita o uso dessas fontes em um dos mais importantes meios comunicacionais que o museu possui, sua exposição.

4. Considerações finais

O presente estudo teve como principal objetivo analisar como a aplicação das diretrizes museológicas através do processo de musealização, transformou um acervo fotográfico em um acervo documental, repleto de fontes de informação. A análise de todo o processo de musealização que as imagens passam, desde o momento em que se tornam parte do acervo da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini, evidencia a importância das instituições museais voltadas para a preservação, conservação e salvaguarda de todo e qualquer acervo de relevância para a memória da sociedade. No caso deste acervo fotográfico, em específico, é possível perceber a importância documental, iconográfica e histórica nele intrínseca, afinal reúne de forma contextualizada mais de doze mil fotografias relativas à história da cidade mais antiga do Rio Grande do Sul, a cidade do Rio Grande.

Um processo que tem início com a coleta de informação, através da documentação museológica e que também engloba um dos estágios de comunicação mais relevantes do museu, a exposição destas fotografias.

Perceber que o reconhecimento e a releitura iconológica destas imagens através de um projeto intitulado Banco de Memória Oral, idealizado por uma equipe interdisciplinar de profissionais do museu, resulta em um acervo mais completo, instrumentalizado e rico em informações que não só contam a história da cidade como fortalece a memória coletiva. Este processo de humanização do acervo, traz consigo um maior diálogo com a comunidade que faz parte da instituição, que doa seu material e que, ao mesmo tempo, transmite suas lembranças. É importante ressaltar a necessidade de se pensar em um elo comunicacional cada vez maior com o público, almejando uma interação que o envolva juntamente com o acervo e o museu. Pensar no visitante como um participante ativo no cotidiano da instituição.

Além da análise empírica, foi realizada uma análise teórica e interpretativa que envolveu os teóricos das Ciências Sociais, Humanas e da Informação, os quais, foram incorporados no levantamento secundário desta pesquisa qualitativa. O fato da existência desta interdisciplinaridade e do diálogo entre estas áreas, foi um fator mais do que positivo no desenvolvimento do trabalho, favorecendo uma melhor compreensão do processo desenvolvido e como este acervo em específico, é repleto de informações que ilustram tanto a história coletiva da cidade como as histórias de vida da comunidade.

Refletindo a cada levantamento de dados, a comprovação da necessidade do processo

de musealização para os acervos que não são museológicos, ou seja, para os objetos que não “nascem” com o intuito de fazerem parte de um acervo museal, as quais acabam ao longo de sua trajetória de vida sendo doados aos museus e necessitam passar por este processo, responsável por estabelecer diretrizes que o transformarão em fonte de informação. Desde o momento da doação, o objeto já estabelece sua relação com o museu, iniciando um processo que serve como meio de complementar as informações já existentes, acrescentar aos que não as possuem e atribuir significado sempre que houver a releitura do objeto.

Outro ponto relevante é o fato deste acervo, composto fundamentalmente por fotografias, estar consolidado como suporte de memória, que ao ser utilizado como fonte de análise em encontros, como é caso do Chá com os Idosos e das entrevistas de História Oral, as quais fazem parte do desenvolvimento do Banco de Memória Oral, remetem os indivíduos às suas lembranças mais remotas, recordando suas memórias individuais e coletivas, que abrangem um universo de significados que passam a ser atribuídos a estas imagens, acrescidas de informações sempre que participam destas releituras.

Por fim, é importante ressaltar os procedimentos que a instituição desenvolve a partir da implementação de diretrizes museológicas, percebendo que ao longo deste processo, o acervo que se encontra bem documentado, sistematizado e instrumentalizado torna-se um documento, uma fonte de informação, uma fonte de pesquisa. Portanto, frisamos a necessidade da aplicação de tais diretrizes específicas nos acervos museais, como forma de salvaguardar, preservar e comunicar estes acervos para a sociedade. Afinal, os museus existem para o público, sem ele, os museus perdem todo o seu sentido como espaços evocativos de lembrança.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e Antropologia: olhares fora - dentro**. São Paulo: Estação Liberdade, EDUC, 2002.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e família. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, 1989, p.29-42.

Disponível em: <<http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2277/1416>>

Acesso em: 16 mai 2010.

BEAL, Marisa Gonçalves. Texto utilizado na exposição “**A Arte de Fotografar de Ricardo Giovannini**”, inaugurada em 02 de julho de 2008 na galeria da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini – Rio Grande/RS.

BITTENCOURT, Ezio. **Da rua ao teatro, os prazeres de uma cidade: sociabilidades & cultura no Brasil Meridional – Panorama da história de Rio Grande**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Formas de Humanidade: concepção e desafios da musealização**. Cadernos de Sociomuseologia nº 9, p. 65-88, 1996

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Museologia: algumas idéias para a sua organização disciplinar**. Cadernos de Sociomuseologia nº 9, p. 9-38, 1996.

BUC CERONI, Cláudia; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. A imagem fotográfica como **documento: desideratos de Otlet**.

Disponível em: <<http://dci2.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/bitstream/123456789/456/1/GT%201%20Txt%206-%20GUERRA,%20C.,%20PINHEIRO,%20L.V.%20A%20imagem...pdf>>

Acesso em: 12 mai 2010.

CHAGAS, Mário de Souza. **Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação**. In: **Caderno de ensaios, nº2 Estudos de Museologia**. Rio de Janeiro, Minc/Iphan, 1994 p. 41- 53.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/ Livros, 2008.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1993.

EPISTEME/ Grupo interdisciplinar em Filosofia e História das Ciências. n.20, suplemento especial, jan./jun. 2005. Porto Alegre: ILEA/UFGRS, 1996.

EPISTEME/ Grupo interdisciplinar em Filosofia e História das Ciências. n.21, suplemento especial, jan./jun. 2005. Porto Alegre: ILEA/UFGRS, 1996.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. Patrimônio industrial: lugares de trabalho, lugares de memória. **Revista Museologia e Patrimônio**. Revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST. Vol.II - jan/jun de 2009.

Disponível em:

<<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/43->>

Acesso em: 29 mai 2010.

FERREZ, Helena Dodd. **Documentação museológica**: Teoria para uma boa prática. In: **Caderno de ensaios, nº2 Estudos de museologia**. Rio de Janeiro, Minc/Iphan, 1994 p. 64-73.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral**: procedimentos e possibilidades. São Paulo: Humanitas, 2002.

Disponível em:

<<http://www.scribd.com/doc/6936360/Historia-Oral-Procedimentos-e-Possibilidades-Sonia-Maria-de-Freitas>>

Acesso em: 10 jun 2010.

GIANUCA, Renato. O cinema resiste em Rio Grande. *Jornal Agora*. Rio Grande, 06 de janeiro de 2010.

Disponível em: <<http://www.jornalagora.com.br/site/index.php?caderno=27¬icia=75936>>

Acesso em: 16 mai 2010.

GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

GUINCHAT, Claire; MENOU, Michel. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. Brasília: IBICT, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Semiótica e Museu. In: **Caderno de ensaios, nº2 Estudos de Museologia**. Rio de Janeiro, Minc/Iphan, 1994 p. 09-28.

HUMBERTO, Luis. **Fotografia: universos e arrabaldes**. Rio de Janeiro, FUNARTE, Núcleo de Fotografia, 1983.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2007

KOSSOY, Boris. Fotografia e Memória: reconstituição por meio da fotografia. In: **O Fotográfico**. SAMAIN, Etienne (org). São Paulo, Hucitec, 1998.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE COADIC, Yves- François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

MANINI, Miriam Paula. **A fotografia como registro e como documento de arquivo**. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/000160401a2e3cf5e27d6>>
Acessado em: 24 abr 2010.

MAROEVIC, Ivo. A mensagem do Museu: entre o documento e a informação. In: Hooper-Greenhill, Eilean (ed.). **Museum, Media, Message**. New York: Routledge, 1995, p. 24-37.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otavio Cruz; SÓLIS, Sidney Sérgio Fernandes. Documentos, fontes e arquivos. Caderno de Ensaios nº. 1. In: **Memória e Educação/ Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural**. Rio de Janeiro, 1992.

PAULITSCH, Vivian da Silva. **Rheingantz: uma vila operária em Rio Grande**. Rio Grande: Editora da FURG, 2008.

PIMENTEL, Fortunato. **Aspectos gerais do município de Rio Grande**. Of. Gráfica da Imprensa Nacional. Porto Alegre, 1944. Vol. 3.

SANTOS, Rafael J. **Antropologia para quem não vai ser antropólogo**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2005.

Sistema Nacional de Fototecas – SINAFO.

Disponível em: <www.inah.gov.mx>

Acessado em: 29 mar 2010.

SOUGEZ, Marie-Loup. **Historia de la Fotografia**. Ediciones Cátedra, S.A., 1996.

THUMS, Jorge. **Acesso à realidade**: técnicas de pesquisa e construção do conhecimento. Canoas: Ed. ULBRA, 2003.

TORRES, Luiz Henrique. **Rio Grande**: imagens que contam a história. Rio Grande: SMEC/Rio Grande, 2008.

TORRES, Luiz Henrique. Cronologia básica da história da cidade do Rio Grande (1737 – 1947). **Revista Biblos**, Rio Grande, 22 (2): 9-18, 2008.

Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/ojs/index.php/biblos/issue/view/167>>

Acessado em: 29 mai 2010.

Apêndices

Apêndice A – Fotografias do Banco de dados digital da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini. Realizadas em 18 de maio de 2010.

Fototeca Ricardo Giovannini
IDENTIDADE E MEMÓRIA DA CIDADE DO RIO GRANDE
Consultar Foto

1 - Identificação

Denominação: Fotografia
Número de Registro: 10351
Título: Prédio da Ferragem Bromberg
Subtítulo:
Tipo de Suporte / emulsão:
Data/período da imagem: de [] de 1940 Século: XX
Local da Imagem: Marechal Floriano - Rio Grande - RS
Autoria(s):
Data: 13/12/2007
Nome artístico:
Dados Biográficos:
Formato: 8,2x13,2 cm
☐ Assinatura do Fotógrafo

C:\Arquivos de programas\Controle\FOTOTECA\Fotos\10351.j
 Selecionar Foto

Imprimir Avançar Cancelar

Fototeca Ricardo Giovannini
IDENTIDADE E MEMÓRIA DA CIDADE DO RIO GRANDE
Consultar Foto

2 - Situação

☒ Original ☒ P/B ☐ Colorido ☐ Viragem

Localização: [] [] []
Cópia Consulta n.º: [] Fundo: []
Coleção: []
☐ Dossiê ☐ Álbum Página: []
Cópia: []
☐ Negativo para cópia
N.º negativo: []
Localização do Negativo: [] [] []
Exposições: []
Projetos: []
☐ Em Exposição

Voltar Avançar Cancelar

Fototeca Ricardo Giovannini
IDENTIDADE E MEMÓRIA DA CIDADE DO RIO GRANDE
Consultar Foto

3 - Registros

Número de Entrada: Número P.M.:

Números Anteriores:

Nº Processo:

Mode de Aquisição: ☒ Doação ☐ Compra ☐ Outros

Doc. Nº:

Fonte:

Data da Aquisição:

Avaliação:

Comissão de Avaliação:

Data da Avaliação:

Valor:

Inscrições:

Fototeca Ricardo Giovannini
IDENTIDADE E MEMÓRIA DA CIDADE DO RIO GRANDE
Consultar Foto

4 - Dados Técnicos da Reprodução

☐ Reprodução

Material/Técnica:

Fotógrafo:

Fonte:

Dimensões da Reprodução(cm): Altura: Largura:

Diâmetro:

Tipo de Suporte da Reprodução:

5 - Descritores

Fototeca Ricardo Giovannini
IDENTIDADE E MEMÓRIA DA CIDADE DO RIO GRANDE
Consultar Foto

6 - Conservação

☒ Bom ☐ Regular ☐ Ruim ☐ Péssimo

Intervenções sofridas:

Material / Data de Acondicionamento:

Higienização / Data:

7 - Histórico

8 - Bibliografia

Bibliografia:

Palavras-Chave: Questão Urbana - Paisagem Urbana - Questão Patrimonial - Arquitetura Histórica - Rua Marechal Floriano - Ferragem Bronberg

Texto para etiqueta:

Fototeca Ricardo Giovannini
IDENTIDADE E MEMÓRIA DA CIDADE DO RIO GRANDE
Consultar Foto

9 - Referências no Acervo

10 - Proteção

☐ Federal ☐ Estadual ☒ Municipal

11 - Condições de Segurança

☐ Boa ☒ Razoável ☐ Ruim

12 - Observações

Dados obtidos a partir de uma análise com suporte na observação direta da imagem. Fotografia digitalizada em 300 ppp.

13 - Compiladore(s)/Data(s)

Cledir Lopes - 13/12/2007



1.

1900



MERCADO MUNICIPAL (Rio Grande)

MERCADO E DÔCA

1. A iluminação pertencia a Diocese Iluminação Elétrica (DIE) da Prefeitura Municipal. - Hoje 2006 REEE. - Da época da DIE as soldadeiras eram alimentadas a carvão e era transportado em vagões que percorriam a rua General Osório para chegarem pelo porto

A margem da Lagoa encontram-se pilhas de lenha que vinham para Rio Grande com "cates" provenientes da cidade de São Lourenço do Sul

Em 1951 passam a ser autarquia nomeo Riosgrandino de Eletricidade

Anexos

Anexo A – Imagem do Livro Tombo da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini.

002								
RJ								
Nº Registro	Nome do Objeto	Descrição	Local de Aquisição	Época	Origem	Material	Procedência	Observação
001	Negativo de vidro	exanção, ariete, casa de madeira	Donação	século XX	Brasil	vidro e emulsão de gelatina	Irish Emul. Scantmon	quebrado
002	Negativo de vidro	meninas, folhagens, mesa	Donação	século XX	Brasil	vidro e emulsão de gelatina	Irish Emul. Scantmon	
003	Negativo de vidro	retrato de mulher, mesa	Donação	século XX	Brasil	vidro e emulsão de gelatina	Irish Emul. Scantmon	
004	Negativo de vidro	exanção, casa, cabras, folhagens	Donação	século XX	Brasil	vidro e emulsão de gelatina	Irish Emul. Scantmon	
005	Negativo de vidro	exanção, bonecas, brinquedos, prédio, famílias, árvores	Donação	século XX	Brasil	vidro e emulsão de gelatina	Irish Emul. Scantmon	
006	Negativo de vidro	exanção, mesa	Donação	século XX	Brasil	vidro e emulsão de gelatina	Irish Emul. Scantmon	
007	Negativo de vidro	exanção, roupas, jiponeses, flores, porta	Donação	século XX	Brasil	vidro e emulsão de gelatina	Irish Emul. Scantmon	parte emulsão
008	Negativo de vidro	exanção, cavalo, homens, mulheres, exanção, vegetação	Donação	século XX	Brasil	vidro e emulsão de gelatina	Irish Emul. Scantmon	quebrado
009	Negativo de vidro	mulher, vegetação	Donação	século XX	Brasil	vidro e emulsão de gelatina	Irish Emul. Scantmon	
010	Negativo de vidro	meninas, jardim, mulher, casa, vegetação	Donação	século XX	Brasil	vidro e emulsão de gelatina	Irish Emul. Scantmon	
011	Negativo de vidro	meninas, balcão, porta, vegetação	Donação	século XX	Brasil	vidro e emulsão de gelatina	Irish Emul. Scantmon	
012	Negativo de vidro	meninas, cavalo, ariete	Donação	século XX	Brasil	vidro e emulsão de gelatina	Irish Emul. Scantmon	
013	Negativo de vidro	retrato de mulher	Donação	século XX	Brasil	vidro e emulsão de gelatina	Irish Emul. Scantmon	
014	Negativo de vidro	meninas, vidros de remédios	Donação	século XX	Brasil	vidro e emulsão de gelatina	Irish Emul. Scantmon	
015	Negativo de vidro	leite, cadeira	Donação	século XX	Brasil	vidro e emulsão de gelatina	Irish Emul. Scantmon	

Anexo B – Imagem do Livro de Pesquisa da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini.

12ª Nome do pesquisador: Dario de A. Lima

Cidade de Origem: Rio Grande

CJ: 294196544-00

Endereço: Andradas 277

CEP: 96200-030 telefone: 91221410 / 32313771

Imagem(ns) solicitada(s): 415 -

Localização da(s) Imagem(ns): Banco do Acervo
Arquivo de Imagens

RG da(s) Imagem(ns):

Finalidade da Pesquisa: Tese de Doutorado -

Exige cópia da(s) Imagem(ns): ☒ Sim ☐ Não

Forma de reprodução da(s) Imagem(ns): CD

Assinatura do funcionário que atendeu a solicitação: [assinatura] Data: 11/2003

Assinatura do funcionário que realizou a entrega da solicitação: [assinatura]

Data da entrega da solicitação: 11/2003

Assinatura do solicitante: [assinatura]

Anexo C – Imagem do Livro de Entrada da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini.

70
M

Descrição da imagem: Fotografia preto e branco medindo 14 cm de largura por 9 cm de altura onde vemos o monumento à Marília Viana situado na Praça das Bandeiras.

Assinatura do doador para uso da imagem sem restrições: *Ronaldo M. S.*

Lugar e data da doação: Fototeca Municipal Rio Grande, 28 de outubro de 2008. *Bugalho*

Nº de entrada: 0172

Nome do doador: Ronaldo Mamede Segundo

Endereço: Coronel Samplaio nº 324

Descrição da imagem: Fotografia preto e branco medindo 14 cm de largura por 9 cm de altura onde vemos parte da Praça Tamandaré.

Assinatura do doador para uso da imagem sem restrições: *Ronaldo M. S.*

Lugar e data da doação: Fototeca Municipal Rio Grande, 28 de outubro de 2008. *Bugalho*

Nº de entrada: 0173

Nome do doador: Ronaldo Mamede Segundo

Endereço: Coronel Samplaio nº 324

Descrição da imagem: Fotografia preto e branco medindo 14 cm de largura por 9 cm de altura onde vemos a Praça Xavier Ferreira a Alfândega e a Lagoa e o lorde passando em frente ao prédio na sua bondade.

Assinatura do doador para uso da imagem sem restrições: *Ronaldo M. S.*

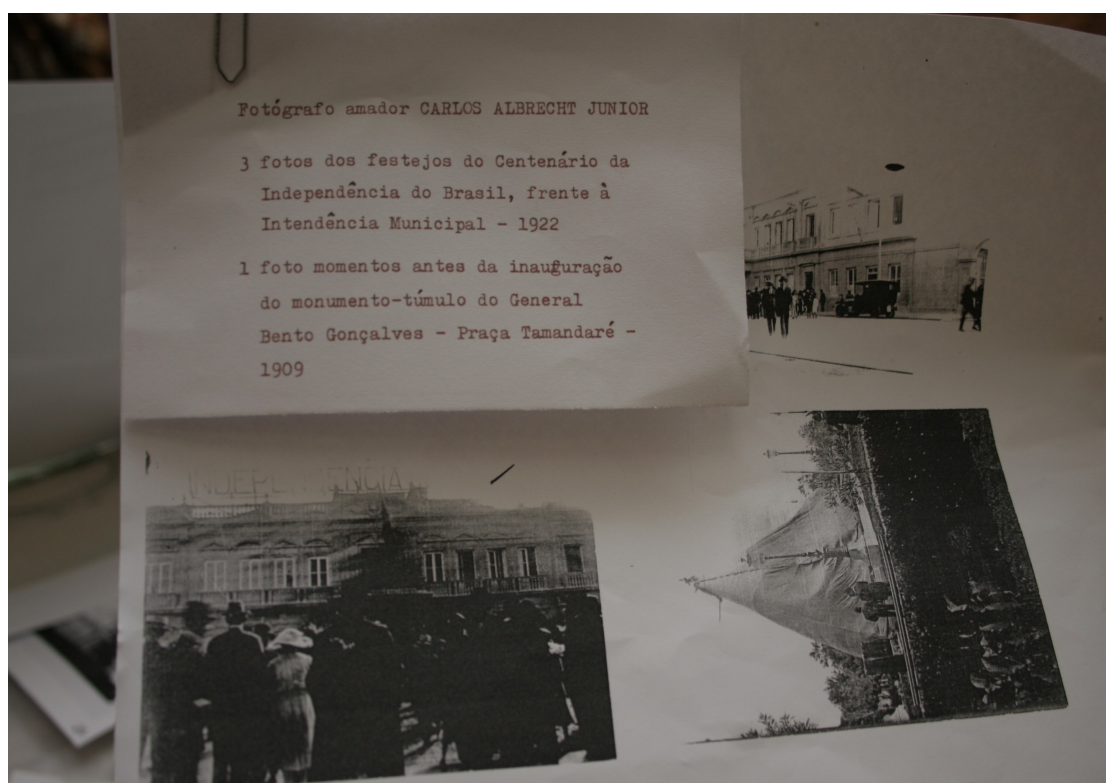
Lugar e data da doação: Fototeca Municipal Rio Grande, 28 de outubro de 2008. *Bugalho*

Tel. 32326291

Anexo D – Fotografias da Exposição “Brinquedos de Estimação” - outubro e novembro de 2007.



Anexo E – Fotografias dos Chás com os Idosos.





Anexo F – Convite da 5ª Edição do Chá com os Idosos.

PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIDADE DE CULTURA

FOTOTECA
Municipal

*Convidam para o Chá
"Lembranças, Memórias e Saudades".
5ª Edição*



Foto: João Paulo Ceglisky

O trabalho de documentação deste acervo fotográfico necessita das lembranças, das memórias e de toda evocação do já vivido, pois somente assim poderemos resgatar o passado e reconstruir a história da cidade do Rio Grande, registrada através das fotografias tombadas nesta instituição.

Assim a Fototeca Municipal convida

Sra. Iolanda Freitas

para vir tomar um "Chá" nesta casa a ver conosco fotografias antigas.

Esta instituição, nesta tarde, também receberá doações de imagens fotográficas da cidade, as quais mostram o Rio Grande antigo, acontecimentos, fatos e festividades do passado.

Dia: 02 de outubro de 2007
Horário: 15h00
Local: Marechal Floriano Peixoto, nº 91-
Centro Municipal de Cultura Inah Emil Martensen

Sua presença é imprescindível



Apoio Cultural

Anexo G – Convite da 6ª Edição do Chá com os Idosos.



Anexo H – Solicitação via e-mail, de fontes documentais para a realização de pesquisa acadêmica.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECONOMIA E HISTÓRIA



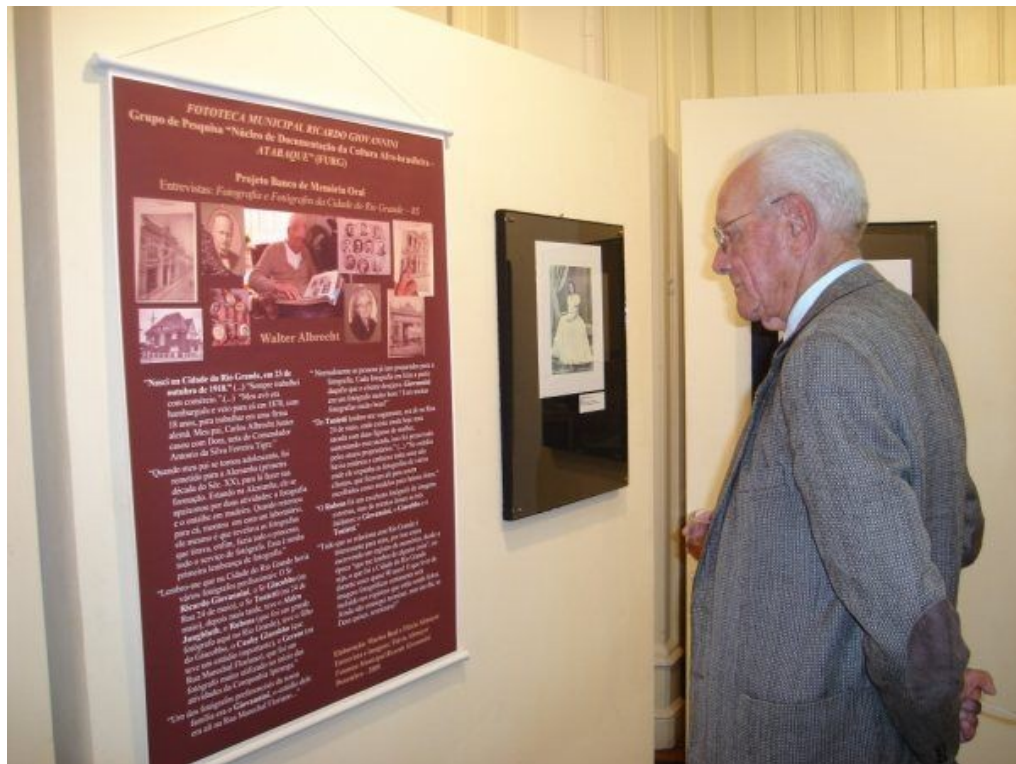
DECLARAÇÃO

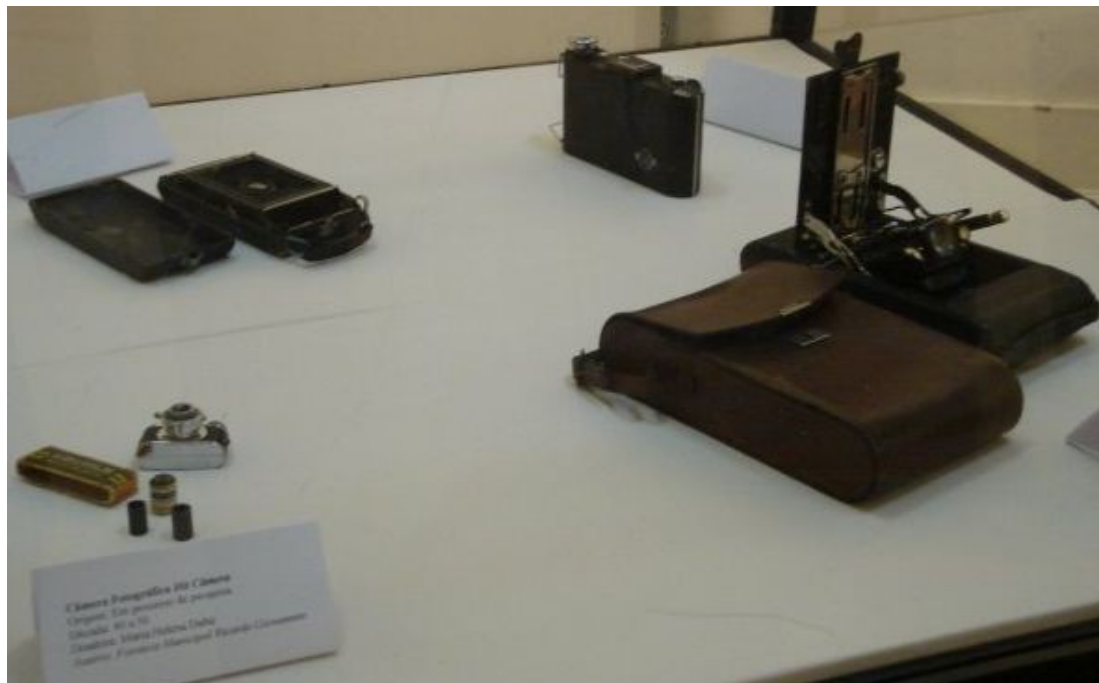
Declaro para os devidos fins que a acadêmica Joice Martins, nº matrícula 32786, é minha orientanda na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso no curso de Bacharelado em História, desenvolvendo pesquisa sobre o Jockey Club de Rio Grande.

Em 12 de agosto de 2008.


Profª. Drª. Beatriz Valladão Thiesen
Beatriz Valladão Thiesen
Coordenadora Lepsa
DBH - FURG

Anexo I – Fotografias da Exposição “Cenas e retoques: a arte de fotografar Rio Grande nas décadas – 1930/1960”.



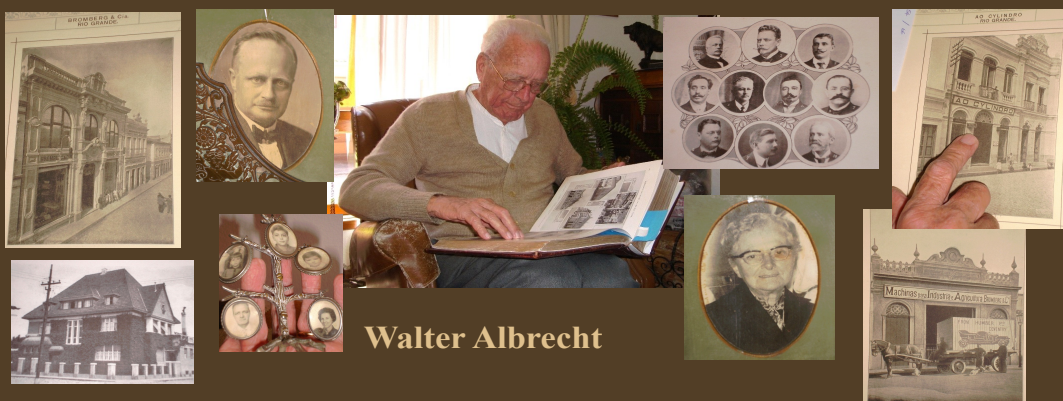


Anexo J: Banners que fizeram parte da exposição “Cenas e Retoques: a arte de fotografar Rio Grande – 1930/1960” contendo trechos das entrevistas realizadas com o Sr. Walter Albrecht, a Sra. Teodolinda Batezat de Souza e com o Sr. José Altair Marques.

FOTOTECA MUNICIPAL RICARDO GIOVANNINI
Grupo de Pesquisa “Núcleo de Documentação da Cultura Afro-brasileira –
ATABAQUE” (FURG)

Projeto Banco de Memória

Entrevistas: *Fotografia e Fotógrafos da Cidade do Rio Grande – RS*



Walter Albrecht

“Nasci na Cidade do Rio Grande, em 23 de outubro de 1918.” (...) “Sempre trabalhei com comércio.” (...) “Meu avô era hamburguês e veio para cá em 1870, com 18 anos, para trabalhar em uma firma alemã. Meu pai, Carlos Albrecht Junior casou com Dora, neta do Comendador Antonio da Silva Ferreira Tigre.”

“Quando meu pai se tornou adolescente, foi remetido para a Alemanha (primeira década do Séc. XX), para lá fazer sua formação. Estando na Alemanha, ele se apaixonou por duas atividades: a fotografia e o entalhe em madeira. Quando retornou para cá, montou em casa um laboratório, ele mesmo é que revelava as fotografias que tirava, enfim, fazia todo o processo, todo o serviço de fotógrafo. Essa é minha primeira lembrança de fotografia.”

“Lembro-me que na Cidade do Rio Grande havia vários fotógrafos profissionais: O Sr **Ricardo Giovannini**, o Sr **Giacobbo** (na Rua 24 de maio), o Sr **Tonietti** (na 24 de maio), depois mais tarde, teve o **Alziro Jungbluth**, o **Rubens** (que foi um grande fotógrafo aqui no Rio Grande), teve o filho do **Giacobbo**, o **Cauby Giacobbo** (que teve um estúdio importante), o **Gerson** (na Rua Marechal Floriano), que foi um fotógrafo muito utilizado no início das atividades da Companhia Ipiranga.”

“Um dos fotógrafos preferenciais da nossa família era o **Giovannini**, o estúdio dele era ali na Rua Marechal Floriano...”

“Normalmente as pessoas já iam preparadas para a fotografia. Cada fotografia era feita a partir daquilo que o cliente desejava. **Giovannini** era um fotógrafo muito bom! Tem muitas fotografias muito boas!”

“Do **Tonietti** lembro-me vagamente, era ali na Rua 24 de maio, onde existe ainda hoje uma sacada com duas figuras de mulher, sustentando essa sacada, isso foi preservado pelos atuais proprietários.” (...) “No estúdio havia cenários e embaixo tinha uma sala onde ele expunha as fotografias de vários clientes, que ficavam ali para serem escolhidos como modelos para futuras fotos.”

“O **Rubens** foi um excelente fotógrafo de imagens externas, mas de retratos foram os três italianos: o **Giovannini**, o **Giacobbo** e o **Tonietti**.”

“Tudo que se relaciona com Rio Grande é interessante para mim, por isso estou escrevendo um registro de memórias, desde a época “que me lembro de alguma coisa”, ou seja, o que foi a Cidade do Rio Grande durante esses quase 90 anos! O que tiver de imagens fotográficas certamente será incluído nos registros que estão sendo feitos. Ainda não consegui terminar, mas um dia, se Deus quiser, terminarei!”

Elaboração: Marisa Beal e Flávia Altmayer

Entrevista e imagens: Flávia Altmayer

Fototeca Municipal Ricardo Giovannini

Dezembro - 2009

FOTOTECA MUNICIPAL RICARDO GIOVANNINI
Grupo de Pesquisa “Núcleo de Documentação da Cultura Afro-brasileira –
ATABAQUE” (FURG)

Projeto Banco de Memória Oral
Entrevistas: Fotografia e Fotógrafos da Cidade do Rio Grande – RS



Teodolinda Batezat de Souza

“Nasci na Cidade do Rio Grande, em 29 de novembro de 1925. (...) Estudei no Colégio Joana D’Arc até me formar e trabalhei como professora primária.”

“A primeira foto que tenho, aos 6 meses, em 1926, foi tirada pelo **Ricardo Giovannini**, estamos eu, meu pai Augusto e minha mãe Otília, a foto foi feita para mandar para a Itália, porque eu era a primeira neta brasileira.”

“A lembrança mais remota que tenho de fotografia, foi quando fomos (c.d 1933), a minha irmã, eu e a minha mãe, ao fotógrafo **Giovannini**, na Marechal Floriano. (...) Ele fez uma foto tão bonita de minha irmã que colocou na vitrine, na parte de baixo do prédio do estúdio!”

“No estúdio tinham cenários... (...) ele vinha, arrumava a pessoa para a foto, depois voltava, olhava por aquela máquina que tinha um pano em volta... (...) Era um fotógrafo detalhista, um italiano artista!”

“A foto de minha primeira comunhão (1936) foi feita por **Margarida Tonietti**, no estúdio do marido dela, o **Matteo Tonietti**. (...) Depois que Tonietti começou a dar aulas, quem fazia as fotos era a D. Margarida. Também era uma fotógrafa detalhista e com muito gosto! O estúdio ocupava toda a parte de cima do prédio onde moravam, na Rua 24 de Maio, havia muitos cenários e flores.”

“Depois de Giovannini, vieram os outros retratistas que foram o **Gérson** e o **Rubens**. (...) O Gerson se “empoleirava” para fazer as fotos dos desfiles de rua, em todas as árvores da Praça Xavier Ferreira, o chamavam de “macaco” porque ele subia aonde tu nem pensavas!”

“Lembro do **Matteo Tonietti** porque íamos a sua casa e ele sentia muito frio e dizia: “Não gosto do inverno, o verão é mais humano”. (...) Ele sempre dizia: “Eu nasci em águas inglesas”, pois os pais estavam em um navio quando ele nasceu. Ele cantava, pintava, tocava piano, violino... Gostava muito de vê-lo cantar!”

“Desde pequenino, eu tirava fotos do meu filho (que nasceu em 1959) com o fotógrafo da **Casa dos Amadores**, ele vinha em nossa casa. (...) Os retratos que esse rapaz tirava ficavam muito bonitos e eu sempre o chamava no ano seguinte.”

“Acho que (a fotografia) é uma lembrança muito boa! Gosto muito! Estou sempre com elas, tanto que nem precisei “procurar”, apenas peguei para te mostrar”.

Elaboração: Marisa Beal e Flávia Altmayer
Entrevista e imagens: Flávia Altmayer
Fototeca Municipal Ricardo Giovannini
Dezembro - 2009

FOTOTECA MUNICIPAL RICARDO GIOVANNINI
Grupo de Pesquisa “Núcleo de Documentação da Cultura Afro-brasileira –
ATABAQUE” (FURG)

Projeto Banco de Memória

Entrevistas: *Fotografia e Fotógrafos da Cidade do Rio Grande – RS*



José Altair da Silva Marques

“Nasci na Cidade do Rio Grande, em 20 de dezembro de 1943. Sou de origem portuguesa, meus avós eram portugueses.”

“Trabalhei como fotógrafo, na Casa dos Amadores, durante 28 anos.”

“Meu primeiro contato com a fotografia foi no estúdio do **Tonietti**, para registrar a minha Primeira Comunhão (c.d 1953). Uma senhora (**Margarida Tonietti**) estava lá e fotografou a mim e a minha irmã.”

“Comecei a trabalhar aos 14 anos, no dia 1º de março de 1958, na Casa dos Amadores. Entrei como balconista e daí em diante passei a me interessar pela fotografia.” (...) “Na Casa havia laboratório que atendia aos amadores e tinha um fotógrafo profissional, o **Romeu Piratinino Tarouco**, que trabalhava ali. Na verdade, trabalhei no laboratório já desde o primeiro dia.”

“Havia três laboratórios dentro da firma. O amador trazia o filme que seria revelado e passado para outro laboratório: ou para fazer fotografias dos filmes 116 e 616, que dava um tamanho de 9X12 mais ou menos, era cópia direta, feita com uma prensa; ou para ampliar - tinha um ampliador para filme 35mm e tinha outro para filme 120 e 620 que eram os que estavam surgindo. Era raro aparecer chapa de vidro, a predominância era dos filmes 116 e 616, mas nós continuávamos vendendo as chapas porque ainda tinham fotógrafos que as usavam. Acho que por volta de 1959 foi-se extinguindo a venda das chapas de vidro.”

“Vendíamos diferentes produtos e fazíamos reportagens fotográficas. A Casa dos Amadores fornecia o equipamento e entrávamos, eu e meu colega fotógrafo, **Ênio José da Silva**, com a vontade de trabalhar e trabalhávamos bastante!”

“Dos profissionais da época, lembro do **Dinarte Cupertino**, dos irmãos **Cauby Giacobbo** e **Edi Giacobbo**, do **Gerson** (tinha estúdio e era fotógrafo do jornal “Última Hora” e da Cia Ipiranga), do **Rubens Simão** (funcionário da União Fabril e fotógrafo), do **Rubens** e do **Dirceu**, também irmãos e fotógrafos. O **Giovannini**, o **Tonietti**, o **Cauby** e o **Dinarte** eram considerados artistas!”

“O registro fotográfico significa uma recordação muito forte de tudo aquilo de bonito, de bom, que ficou para trás e que, muitas vezes, deixou de existir, porque não foi preservado.” (...) “As mudanças precisam ocorrer, mas em muitos casos a beleza deixa de existir e onde ela fica marcada? Na fotografia, nas imagens. Isso é o que irá nos trazer essa memória, essa beleza do passado. Para mim, esse é o sentido da fotografia, essa é a razão da reportagem, por isso dou muito valor a quem faz isso...”

Elaboração: Marisa Beal e Flávia Altmayer
Entrevista e imagens: Flávia Altmayer
Fototeca Municipal Ricardo Giovannini
Dezembro - 2009